



Universidade de Brasília

Instituto de Artes

Solange de Souza Leite

PIBID INTERDISCIPLINAR da UNB
Uma Prática Subversiva à Pedagogia da Nuca

Brasília – DF

2016



Universidade de Brasília

Instituto de Artes

Solange de Souza Leite

PIBID INTERDISCIPLINAR da UNB
Uma Prática Subversiva à Pedagogia da Nuca

Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura,
Habilitação em Artes Cênicas,
Do Departamento de Artes Cênicas do
Instituto de Artes da Universidade de Brasília
Orientador: Prof. Dr. Jorge das Graças Veloso

Brasília – DF

2016

*Para tudo há uma ocasião, e um tempo para cada propósito debaixo do céu:
tempo de nascer e tempo de morrer, tempo de plantar e tempo de arrancar o que se
plantou,
tempo de matar e tempo de curar, tempo de derrubar e tempo de construir,
tempo de chorar e tempo de rir, tempo de prantear e tempo de dançar,
tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntá-las, tempo de abraçar e tempo de se
conter,
tempo de procurar e tempo de desistir, tempo de guardar e tempo de lançar fora,
tempo de rasgar e tempo de costurar, tempo de calar e tempo de falar,
tempo de amar e tempo de odiar, tempo de lutar e tempo de viver em paz.
O que ganha o trabalhador com todo o seu esforço?
Tenho visto o fardo que Deus impôs aos homens.
Ele fez tudo apropriado a seu tempo. Também pôs no coração do homem o anseio
pela eternidade; mesmo assim este não consegue compreender inteiramente o que
Deus fez.
Descobri que não há nada melhor para o homem do que ser feliz e praticar o bem
enquanto vive.*

*Rei Salomão
Eclesiastes 3:1-12*

Agradecimentos

A Deus que em sua infinita graça me concedeu à vida!

A minha família. Ao meu Pai Ari (in memorian), Dona Mãe Cida e meus irmãos Ari Júnior e Rayssa, vocês são o que tenho de mais precioso na vida!

Aos meus amigos, por todo apoio que me deram. Todas as palavras de ânimo e por nunca me deixarem desistir! Vocês acreditam em mim mais do que eu mesma. Obrigada!

Ao meu orientador, professor e doutor Graça Veloso, um dos encontros mais significativos que já tive. A sua perseverança, motivação e positividade construíram em mim o desejo de seguir em frente.

Ao professor e querido amigo, Glauco Falcão e a todos aqueles que fizeram/fazem parte do PIBID interdisciplinar. Agradeço todos vocês que tornaram essa trajetória mais leve e proporcionou a minha maior riqueza: reconhecer-me como artista educadora.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1.1 Um Sonho em Meio ao Caos	13
1.2 Escola Democrática	14
1.3 (Des)Estrutura	15
1.4 Escolas não São Edifícios	20
2. ESCOLA CLASSE 115 NORTE – UM PÉ NA PONTE	22
2.1 Portões Abertos	23
2.2A Trilha – Um Processo Coletivo	25
2.3 Intervenção - Comunicação não Violenta	27
3. PIBID INTERDISCIPLINAR	30
3.1 Dinâmicas do Subprojeto – Construção da consciência Coletiva	31
3.2 Sobre o Processo de Aprendizagem – Inteligências Múltiplas	35
3.3 Um Caminho Real – Intervenção na Escola Classe 316 Norte	38
4. ARTES CÊNICAS E INTERDISCIPLINARIDADE: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA	42
4.1O Planeta das Crianças – Uma Proposta Interdisciplinar	44
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50

INTRODUÇÃO

Será que a minha raiz vai conseguir arrebentar asfaltos, canos e prédios para sobreviver e gerar frutos? Sim, se minha raiz fosse forte, grande, mas sinto que a minha semente nem chegou a brotar direito ainda. Então, provavelmente em uma cidade, ela se brotasse, miúda e doente viveria. (Helena)

Chegou a hora do intervalo e, como em todas as escolas, já esperávamos o alarme soar. O porteiro, Seu Bira, olhou no seu relógio de pulso e foi em direção ao botão que acionaria a sirene. Foi quando me lembrei dos meus tempos de escola. Logo viria aquele barulho infernal, assustador e estridente. Som reconhecido por todos ao longo de vários quarteirões. Escandaloso. Com um significado no mínimo estranho – ele marca a hora de brincar *versus* hora de parar de brincar. Sentimo-nos prisioneiros nesses muros de concreto. Sendo necessário um sinal estridente para dizer à criança a que horas ela deve parar de ser criança e, outra vez, voltar até a sala de aula, sentar naquelas cadeiras duras e copiar o dever do quadro até o pulso queimar de dor. Ouvir a professora por mais longas horas e aguardar ansiosamente aquele penetrante som que colocará um fim nisso tudo até o dia seguinte. Foi o que pensei, até que o Seu Bira tocou o sinal! Para minha surpresa aquele som era diferente, era uma bela música. A sensação que me causou foi a melhor possível, os alunos saíram das salas e foram jogar, correr... coisas que as crianças fazem. Quando olhei para o portão, levei um susto: vi que o portão estava aberto e que vários meninos e meninas estavam correndo em direção à saída da escola. “Meu Deus! Eles não viram que o portão estava aberto? Quanta irresponsabilidade!” (pensei). Foi quando me dei conta de que aquilo tudo era normal para aquele ambiente! As crianças, ali, podem sair e brincar na área externa à escola! “Como isso é possível? E ninguém foge”?, perguntei ao porteiro, “não... não, eles nunca vão embora. A Escola Classe da 115 Norte é uma escola diferente”, ele respondeu animado. “–É, estou percebendo isso, Seu Bira.”

Entrei em contato com a escola pública do cerrado brasiliense, da 115 Norte, pela primeira vez em março de 2016, juntamente com o professor e coordenador Glauco Falcão. Na ocasião, representando o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) Interdisciplinar da Universidade de Brasília. Juntos há aproximadamente dois anos, somos um grupo de 20 alunos de diversas licenciaturas e pesquisamos sobre pedagogias de projetos e a interdisciplinaridade como forma de repensar e modificar a educação tradicional brasileira, “Redefinição contínua de sua práxis, e de uma instituição que invista na supressão dos obstáculos de ordem material, cultural e epistemológica, enfim, num projeto coletivo” (FAZENDA, 1994, p.49).

Desde o início do projeto, nasceram inquietantes questões, tais como: o que significaria utilizar uma prática artística no combate às desigualdades sociais e na construção de uma identidade social? Como, a partir do ponto de vista da educação, podemos transformar experiência teatral em processos de aprendizagem que ampliem a consciência e uma busca de identidade pessoal e coletiva para que esses jovens sejam emancipados e tornem-se protagonistas da sua própria história? Como entregar ferramentas para que possam responder: Quem somos? O que queremos fazer das nossas vidas e da nossa comunidade? Como desenvolver uma prática educacional, que provoque o aluno a uma ação? Durante esses dois anos que estou no projeto do PIBID, levei essas interrogações para as observações que fiz nas escolas em que passei: Escola Darcy Ribeiro – Paranoá/ DF (Ensino Fundamental e Médio), Escola Zilda Arns – Itapoã/DF (Ensino Fundamental) e Escola Classe 115 Norte – Brasília/DF (Ensino Fundamental). Nessas observações, fiquei inquieta ao me questionar sobre os motivos pelos quais as escolas ainda sustentam um sistema de ensino tradicional que não atende ao século XXI. Por que os professores efetivos se encontram acomodados? Por que é tão difícil trabalhar através de projetos e de forma interdisciplinar? Como se tornar um professor que articula atividades para a autonomia do sujeito? Nas observações, encontrei excelentes professores, solitários, que, mesmo cansados, estão em busca de uma intervenção transformadora e questionam-se a respeito de sua práxis com frequência. Estes poucos lutam diariamente contra a estabilidade, certeza e acomodação de outros professores que se conservam na sua própria lógica do que é ser educador em um “sistema patriarcado seguindo um modelo instituído pelos gregos desde o século XIX, no qual determinaram que o conceito de professor é quem ensina, escola é um lugar em que se aprende e aluno é quem aprende, formato tido como verdadeiro e único até os dias de hoje” (FAZENDA, 1994, p.39)

O diferencial da Escola Classe da 115 Norte, que percebi no meu primeiro encontro com Seu Bira, é a tomada de consciência de todo o grupo a respeito do papel na formação de alunos protagonistas e autônomos. O contato com a diretora Marta e vice-diretora Renata foi uma aula de teoria e prática sobre as dificuldades para adaptação de projetos que se deslocam da linha de referência da educação conteudista e tradicional. A Escola Classe da 115 Norte é uma das escolas que fazem parte de uma intervenção e parceria coordenada pelo professor José Pacheco, diretor da Escola da Ponte de Portugal, que falaremos melhor num outro momento, e o Projeto Gaia, que tem como objetivo oferecer aos profissionais da educação, uma nova abordagem didático-pedagógica que integra a reconfiguração da prática ensino aprendizagem com as dimensões da sustentabilidade. O processo de aprendizagem visa

promover uma transformação vivencial que alie, de fato, a teoria à prática e à realidade vivenciada na escola e no contexto da sua comunidade. Com a parceria, os professores e interessados passam por treinamentos, palestras, rodas de conversas e assim, a escola entrou num processo de inovação. Buscam, a partir daí, estabelecer uma nova identidade, através da gestão democrática, envolver os pais, as crianças e toda a comunidade escolar em torno de projetos interdisciplinares.

Entrei para o PIBID num momento crítico da minha formação. Sucessivos trancamentos de matérias por questões pessoais marcavam esse momento e eu já não tinha motivação alguma para prosseguir na minha licenciatura em Artes Cênicas. Na verdade, não tinha motivação para seguir nenhuma carreira que envolvesse a licenciatura. Mesmo sabendo da minha vocação para educação, eu já estava desestimulada antes mesmo de começar a atuar diariamente na área. Foi quando apareceu a oportunidade de iniciar no PIBID interdisciplinar em 2014. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), uma fundação do Ministério da Educação (MEC), junto à Universidade de Brasília (UNB), estava criando essa nova categoria para que a educação fosse repensada desde a formação dos professores e atendesse a realidade contemporânea. Nós, PIBID interdisciplinar UNB, temos como inspiração e aspiração o professor José Pacheco e a escola em que ele é diretor: Escola da Ponte de Portugal. A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir, nas palavras do escritor Rubem Alves. Pesquisando sobre a prática nessas escolas e em tantas outras aqui no Brasil, como Ivani Fazenda afirma, a escola passou a denunciar concepções unilaterais de educação e ainda que poucas, a denúncia começa a se fazer anúncio. Começou por educadores, “somente naqueles nos quais o ciclo da alteridade já se instalou como processo” (FAZENDA, 1994, p.42)

Então, como uma “incubadora de sonhos”, o PIBID interdisciplinar nasceu na tentativa de liberar realidades prodigiosas que, por conta de um sistema educacional falho, tem permitido que potenciais extraordinários escoem pelos ralos. Sendo assim, essa monografia tentará estudar essa proposta educacional para o século XXI a partir da pedagogia teatral aliada a projetos interdisciplinares/transdisciplinares¹, através de uma observação participante a Escola Classe 115 Norte em sua tentativa de sair do modelo tradicional e

¹Transdisciplinar: se os professores trabalham apenas sua disciplina, dentro do projeto trata-se de um trabalho interdisciplinar. Mas se os professores fazem o mesmo planejamento onde todos participam de todos os projetos/processos, indo além da sua formação, então se trata de um trabalho transdisciplinar. (NOGUEIRA, 2012, p.124)

transformar informação em conhecimento a partir da autonomia, responsabilidade e solidariedade, transformando-se numa escola “diferente” e eficiente na formação do cidadão. Também estudarei a Escola da Ponte em Portugal, uma escola com um modelo completamente alternativo e consistente. Farei isso sob o ponto de vista de uma futura artista-educadora, levando em conta as atividades interdisciplinares realizadas nos projetos como uma prática subversiva à pedagogia da nuca. Chamo de Pedagogia da Nuca à tendência pedagógica liberal, que é aquela que não entra em uma discussão crítica ao modelo capitalista e preservam a estrutura em que os ricos ficam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. Entre as tendências pedagógicas liberais, encontramos a vertente conservadora que abrange a educação de forma tradicional e/ou tecnicista, na qual o professor é autoritário e portador do conhecimento. O aluno é passivo e apenas receptor do conhecimento, sua preparação é intelectual, moral e que tem como prioridade os conteúdos. Uma imagem de sala de aula tradicional é percebida com os alunos sentados enfileirados, um sendo educado a partir da nuca do aluno à frente. Não existe troca de conhecimento, não existe afetividade ou desenvolvimento crítico social.

A educação crítica é tendencialmente subversiva. É preciso romper com a educação enquanto mera apropriação de instrumental técnico e receituário para a eficiência, insistindo no aprendizado aberto e a elaboração da história e ao contato com o outro não-idêntico, o diferenciado. (ADORNO,2000, p. 27)

Quando cito uma prática subversiva à pedagogia da nuca, falo sobre as práticas que se fundamentaram numa Tendência Pedagógica Progressista, que critica o modo de produção capitalista e pensa na educação como forma de transformação social. Existe diálogo entre professor e aluno, o professor é um mediador e/ou um orientador dos trabalhos pedagógicos, que tem como objetivo principal, desenvolver cidadãos que possam transformar a realidade onde estão inseridos, diminuindo a seletividade e a desigualdade. Uma imagem para exemplificar a Tendência Progressista é uma sala de aula em roda, no qual os alunos são incentivados e orientados em suas atividades pedagógicas de forma crítica e prática. Nessa pedagogia, encontramos o professor brasileiro Paulo Freire, com a Pedagogia Libertadora e entre outros, o professor José Pacheco e a Escola da Ponte de Portugal, são exemplos de práticas subversivas e que fazem parte da Pedagogia Progressista.

Para exemplificar essas Tendências Pedagógicas, no texto teatral ‘A Vida é Sonho’ de Calderón de La Barca, conhecemos Basílio, Rei da Polônia, o qual ficou perturbado com os sonhos de sua esposa que predestinava um terrível destino ao filho que estava em seu ventre.

Ao dar à luz a Segismundo, a mulher veio a falecer. Basílio entendeu como um sinal e para defender o Reino, prendeu o seu filho Segismundo numa torre, e nessa “torre é que ele vive pobre, mísero e cativo” (CALDERÓN, 2008, 43). Durante o seu tempo na torre, o herdeiro do trono da Polônia, recebia visitas de um “professor” que lhe passava todas as informações, que ele julgava necessária, para tornar Segismundo, quem sabe um dia, o Rei. Basílio, após vários anos e por não ter outro filho para assumir o seu lugar, resolve tirar Segismundo da torre e testá-lo como futuro Rei da Polônia. Essa situação acaba sendo uma experiência traumática e desanimadora para o pai que tinha esperança de que o filho fosse um bom rei.

O que podemos observar durante a vida de Segismundo é que lhe foi dado apenas informações para ser um bom rei e, foi esperado dele cumprir o seu destino com êxito. Ele não teve contato com outros seres humanos e, provavelmente, a relação professor - aluno aconteceu de forma autoritária e tradicional. A torre representa um lugar onde não se promove encontros relevantes. Segismundo, o aluno já condenado ao fracasso e o professor e o Rei representam o Estado preservando essa estrutura, nos é apresentado então, uma estrutura tradicional de ensino. A educação tradicional está mais preocupada com as questões cognitivas do aluno, que ele assuma seu papel na sociedade e esteja pronto atingir sua realização por seu próprio esforço, de modo que as diferenças de classe social não são consideradas e toda a prática escolar não tem nenhuma relação com o cotidiano do aluno.

É preciso ruir com essa estrutura e desconstruir tais paradigmas tão resistentes. A prática de uma proposta subversiva à educação tradicional, tem um papel de proporcionar ao aluno o domínio dos conteúdos científicos, os métodos de estudos e habilidades e hábitos de raciocínio científico, transformando conhecimento em tomada de posições críticas das realidades política, social, econômica, que o cercam e capacitando-os como agentes transformadores dessas realidades. Construindo projetos de forma interdisciplinar dos saberes e com a tentativa de construir uma aprendizagem através de encontros significativos, embasado nos conhecimentos que o aluno já possui.

A essência do teatro é o encontro. Em conjunto com as demais áreas de conhecimento como literatura, história e educação física, projetos transdisciplinares podem surgir como forma de subverter as estruturas dessa torre e liberar Segismundo. Assim, ele se tornará um cidadão livre, ativo, ligado a um senso de comunidade, participante da esfera pública e protagonista de sua própria história. Note que a prática teatral não será tratada de forma instrumental e muito menos salvacionista. O teatro e as manifestações artísticas serão tratados

numa perspectiva emancipadora e diluída com outras disciplinas, como trata Ricardo Japiassu:

o objetivo do ensino das artes, para a concepção pedagógica essencialista, não é a formação de artistas, mas o domínio, a fluência e a compreensão estéticos dessas complexas formas de expressão que movimentam processos afetivos, cognitivos e psicomotores. (JAPIASSU, 2001, p. 30)

O protagonismo juvenil na educação não depende apenas de uma área de conhecimento, mas depende de todo um sistema a ser conduzido para tal objetivo. “O potencial criador elabora-se nos múltiplos níveis do ser sensível – cultural – consciente do homem” (OSTROWER, 1987). Essa monografia tem mais a perguntar do que a responder, analisarei duas escolas, a Escola da Ponte e a Escola Classe 115 Norte, e indagarei qual a dificuldade da educação brasileira em desconstruir suas estruturas de poder que fundamentam a educação tradicional na contemporaneidade e os impedimentos para desenvolver novas bases à educação. Veremos o papel do PIBID interdisciplinar nessa desconstrução e no repensar da educação, e principalmente na formação de educadores para esse formato de autonomia do aluno e no trabalho coletivo para construção de projetos interdisciplinares e transdisciplinares.

Tenho como objetivo geral, através do trabalho PIBID INTERDISCIPLINAR da UNB Uma Prática Subversiva à Pedagogia da Nuca – identificar o método educacional tradicional presente na atualidade e suas dificuldades na formação do cidadão/aluno como protagonista na construção do conhecimento. Para isso, analisarei a escola pública brasiliense: Escola Classe 115 Norte. Seus ideais e diferenciais para a construção da autonomia do aluno e a democracia construída coletivamente; quais as dificuldades encontradas e quais os acertos e equívocos até o momento.

Também analisarei os processos educacionais escolhidos pelo professor José Pacheco na Escola da Ponte, de Portugal, analisando qual o papel do professor na Escola da Ponte e sua relação com o aluno para o desenvolvimento de uma aprendizagem consciente e solidária.

Buscarei entender a função do professor para a mudança real na Escola Classe 115 Norte e identificarei que o PIBID interdisciplinar, da forma como temos construído na UNB, pode ser um caminho para formação de educadores para projetos interdisciplinares.

No capítulo 1, apresentarei uma proposta “diferentona” para o século XXI, analisando a Escola da Ponte, em Portugal, através da apresentação de José Pacheco em seus livros e palestras, bem como por entrevistas e relatos de professores e visitantes curiosos. A visão de Rubem Alves do artigo do Celso Vasconcellos em relatos em seus artigos e livros sobre o

tema. Assim, farei uma análise sobre o trabalho empírico desenvolvido, bem como as escolhas feitas pelos fazedores de educação (professores e alunos) pela busca de autonomia. “[...] na racionalidade reflexiva, o professor trabalha com pessoas que atuam e refletem. Os processos que daí decorrem são de interação mental, dotado de enorme singularidade [...]” O professor age como prático autônomo, como artista que reflete, toma decisões e cria no próprio processo de execução, e detém um conjunto de conhecimentos em ação, de reflexões em ação e de reflexões sobre a ação” (PACHECO, 2008, p.16).

No capítulo 2, farei uma observação no ambiente escolar e também entrevistas com professores, alunos e pais, para analisar o processo de transformação da Escola Classe 115 Norte. Com o relato de participação em reuniões e palestras, conheceremos as propostas e parceria com o professor José Pacheco.

No Capítulo 3, mostrarei o meu processo de imersão de trabalho no PIBID interdisciplinar e dos caminhos percorridos junto ao professor Glauco Falcão. Veremos também alguns aspectos da Pedagogia de Projetos de Nilbo Nogueira e a apresentação da teoria das inteligências múltiplas do Gardner.

No Capítulo 4 discorrerei sobre a sensibilidade e a afetividade nos processos de escolarização. Descreverei a atividade pedagógica e interdisciplinar que está em andamento na Escola Classe 115 Norte: *O Planeta das Crianças*; demonstrando como as várias áreas de atuação e saberes contribuem para a construção de uma proposta interdisciplinar.

1. Uma Proposta de Escola “Diferentona” Para o Século XXI

1.1. Escola da Ponte - Um Sonho em Meio ao Caos

Após um golpe organizado pelas forças armadas em 1926, houve uma grande instabilidade econômica em Portugal o que levou a cortes das despesas com saúde, educação e tantas outras áreas essenciais para o país. Assim inicia-se um período de 40 anos de ditadura tanto em Portugal como em outros países da Europa. Em 1976, com o fim da ditadura, a educação do país vive uma crise e é nesse contexto que surge a Escola da Ponte.

Vista como uma utopia pedagógica, a Escola da Ponte foi idealizada por José Pacheco, também coordenador e professor, que decidiu sonhar em meio às dificuldades históricas e sociais de seu tempo e do seu país. Com uma visão de mudança, usou o que tinha em mãos para sonhar, transformar e quebrar paradigmas educacionais tradicionais. Era preciso repensar o processo de escolarização e a escola em toda a sua estrutura, os professores precisavam ser instigados a questionar mais do que a obter respostas e certezas. A busca é por uma educação de forma integral: educação para a cidadania. Foram 20 anos para formar, o que Celso Vasconcelos relata sobre sua visita a Escola da Ponte, como, as condições objetivas e subjetivas. As condições objetivas falam sobre horário de funcionamento, currículo, políticas e estruturas para o funcionamento da escola. Já as condições subjetivas são as pessoas, aquelas inquietas, que não se conformam, se questionam e que são comprometidas com os valores da autonomia, solidariedade, responsabilidade e democraticidade. Através de pesquisas realizadas em seus cursos de formação de professores e de uma neutralidade ativa, que significa não ser apenas observação, mas uma interpretação da escuta de vários docentes, psicólogos, sociólogos, terapeutas entre outros profissionais, foi um trabalho coletivo e desafiador para José Pacheco e todos os envolvidos, que reestruturaram todos os alicerces da instituição. (VASCONCELLOS, 2006, p.7)

Localizada na Vila das Aves, em Portugal, uma cidade pequena com cerca de 8 mil habitantes próximo a cidade do Porto, a Escola da Ponte tem o Ser Humano como fundamento e finalidade do trabalho educativo. Para que existam vínculos e relacionamentos, tanto alunos como professores trabalham para o desenvolvimento das condições subjetivas e para a construção dos valores que são fundamentais para currículo da escola. O projeto precisa de pessoas! Não existem dispositivos ou sistema que possam substituir as pessoas. Não adianta

reorganizar os espaços, derrubar as paredes das salas de aula, modificar o formato de avaliação se não houver pessoas coerentes com o projeto e que vivam os valores propostos. É uma completa desconstrução, como diz José Pacheco: “essa é uma escola feita por seres humanos normais, tão iguais aos outros, mas que se transcendem e que se transformam e que reelaboram sua cultura pessoal e sua cultura profissional”. Construir um coletivo forte, com valores e visão de mundo é um dos segredos para o funcionamento da Ponte. Para José Pacheco, não existe projeto se não existir equipe, todo projeto humano é um projeto coletivo. Embora, o processo seletivo seja feito para encontrar esse perfil de educadores, pensar numa escola como uma comunidade de aprendizagem, no qual todos possuam suas responsabilidades exige um certo esforço, como fala um dos professores da Escola da Ponte no livro ‘A Escola da Ponte, uma Escola Pública em Debate’, expõe que “Dentre os desafios, percebia a falta de unidade no corpo docente, um grupo cindido, que não demonstrava práticas alinhadas e planejadas coletivamente” (PACHECO, 2015, p.24) e completa seu argumento dizendo que várias coisas a escola da ponte já conseguiu transformar como: partilhar espaços educativos modificando completamente os espaços tradicionais e derrubando os muros tanto entre disciplinas quanto entre professores. As buscas por um trabalho solidário “quebraram a hegemônica da monodocência e em todos os espaços atuam mais de um professor. ” (PACHECO, 2015, p.25). Como não existem turmas, anos de escolaridades, lugares fixos ou salas de aula, os professores e alunos encontram-se mutuamente e se ajudam. Assim, na Ponte, percebemos vários momentos de aprendizagem: o estudo individual, o ensino mútuo (entre alunos), o ensino simultâneo (aula direta), o ensino individual (aluno atendido pelo educador), o ensino coletivo (vários professores atuando ao mesmo tempo no projeto). A Escola organiza-se e configura-se na prática de uma forte horizontalidade das relações, como veremos a seguir.

1.2. Escola Democrática

Certo dia, acolhemos na Ponte um jovem jogado fora de outra escola. Na primeira ida ao banheiro, o jovem urinou no cesto dos papéis. Na reunião da Assembleia de escola, um aluno pediu a palavra e disse: Eu faço parte da Responsabilidade do Recreio Bom, que também cuida dos banheiros. Quero dizer-vos que, nesta semana, **um de nós** urinou no cesto dos papéis. E quero pedir a ajuda de todos para ajudarmos **um de nós** a não voltar a fazer isso (PACHECO, 2012, p.11).

Os objetivos da Escola da Ponte são entre outros: diversificar a aprendizagem, promover autonomia e solidariedade, operar transformações nas estruturas de comunicação, e intensificar a colaboração entre instituições e agentes educativos.

Para Pacheco, em seu Dicionário de Valores (2012), autonomia e solidariedade andam de mãos dadas, autonomia exprime-se como produto da relação. Desde o começo da Ponte, estabeleceu uma matriz axiológica bem definida, com valores estabelecidos não apenas para constituir um projeto político pedagógico floreado de palavras bonitas e esses valores devem ser assumidos pela equipe escolar. Autonomia compreende o significado de sujeito como complexo individual, ou, como diz Edgar Morin, “a componente egocêntrica deste complexo é englobada numa subjetividade comunitária mais larga, porque ser sujeito é ser autônomo, sendo ao mesmo tempo dependente” (Morin apud Pacheco, 2012, p.11). A autonomia só é confirmada na relação, “não existe autonomia no isolamento”, ou seja, a autonomia convive com a solidariedade. (PACHECO, 2012, p.11)

Temos de mudar e mudança faz-se à custa de sofrimento e compreensão de nós próprios e dos outros (...) precisamos ser profissionais e não professores em part-time (...) ao longo de todo o ano escolar, travei uma luta comigo no sentido de ser diferente, como professor, mais autônomo e mais ativo. Penso que não o consegui totalmente e que ainda estou a aprender a ser autônomo para criar alunos autônomos. (Professor Anônimo da Escola da Ponte) (PACHECO, 2015, p.32)

Na Escola da Ponte, os projetos são construídos de modo que o discurso se apresente conivente à prática. Os dispositivos são construídos de forma que exista uma real autonomia tanto por parte do orientador educacional, como por parte do aluno. Sendo assim, de forma prática, a Escola da Ponte estabeleceu princípios de uma democracia participativa, dando direito igual aos estudantes, pais, professores e funcionários. Essa proposta de democracia entrega ao estudante o direito de escolha do que fazer com o seu tempo de acordo com os dispositivos de comunicação, que explicaremos a seguir, e os adultos entram como facilitadores do processo e constroem direitos iguais ajudando o aluno a se engajar em todo processo de aprendizagem, ensino e liderança.

1.3. (DES)Estrutura – A Organização da Escola da Ponte

Não temos classes separadas, 1º ano, 2º ano, 3º ano. Também não temos aulas, em que um professor ensina a matéria. Aprendemos assim: formamos pequenos grupos com interesse comum por um assunto, reunimo-nos com uma professora e ela, conosco, estabelece um programa de trabalho de 15 dias, dando-nos orientação sobre o que deveremos pesquisar e os locais onde pesquisar. Usamos muito os recursos da Internet. Ao final dos 15 dias nos reunimos de novo e avaliamos o que aprendemos. Se o que aprendemos foi adequado, aquele grupo se dissolve, forma-se outro para estudar outro assunto. (ALVES, 2000, p.4)

Como as classes não são separadas por séries, a organização da Escola da Ponte acontece através dos Núcleos de Projetos, que é a primeira organização pedagógica do trabalho dos educandos e dos orientadores educativos, onde a estrutura do trabalho gira em torno do interesse do aluno e cada núcleo possui no máximo cem integrantes. A escola quer contribuir para que as necessidades individuais sejam atendidas singularmente e que o aluno aprenda não apenas conteúdos, mas aprenda a estar, a ser, a conhecer e a agir.

São três os núcleos de Projeto: Iniciação, Consolidação e Aprofundamento. Segundo o regulamento interno, existe um perfil a ser atingido de acordo com os seguintes critérios: Responsabilidade; Relação Positiva e Entre Ajuda; Persistência e Concentração nas tarefas; Autonomia; Criatividade; Participação e Pertinência nas intervenções; Auto Planificação; Auto avaliação; Autodisciplina; Pesquisa; Resolução de Conflitos; Senso Crítico e Decisão fundamentada; Concepção e Desenvolvimento de projetos; Análise e Síntese; Comunicação. A transição entre os núcleos ocorrerá quando o aluno atingir o perfil de acordo com esses critérios. Em resumo, no núcleo de iniciação: as crianças adquirirem as competências básicas para que sejam integradas de forma equilibrada na comunidade escolar a trabalhar com autonomia. No núcleo de Consolidação: Ter a capacidade de auto planejar as atividades, exercitar a auto avaliação, pesquisar em grupo e entender como se processam as metodologias de trabalho da escola. No Núcleo de Aprofundamento: os alunos desenvolverão as competências definidas para o final do ensino básico, podendo ainda ser envolvidos em projetos complementares de extensão e enriquecimentos curriculares, ou até mesmo profissionalizantes.

Sei que vocês devem estar incrédulos. Como é possível uma escola assim, sem turmas, sem professores e aulas de português, geografia, ciências, história, em lugares e horas determinadas, de acordo com um programa, linha de montagem, com testes e conceitos ao final? Será que as crianças aprendem? (ALVES, 2000, p.7)

O momento de avaliação é definido pelo próprio aluno quando acredita estar preparado, só faz a avaliação quando se sente pronto para explicar os saberes por si adquiridos/trabalhados através de diferentes instrumentos de avaliação. Ao final de cada plano quinzenal (dispositivo de comunicação que falarei a seguir), acontece a auto avaliação, na qual os alunos podem anotar os objetivos que foram alcançados, o que gostaram de fazer ou mesmo aquilo que sentiram dificuldades: O que aprendi nesta quinzena? O que mais gostei de aprender nesta quinzena? Mas ainda não aprendi a... Por quê? Outros Projetos que gostaria de desenvolver. A auto avaliação é uma prática constante da Escola da Ponte, também acontece ao

final de cada dia de trabalho. Para todo “Plano do Dia” acontece uma auto avaliação para que eles tenham consciência daquilo que foi alcançado: planejou, avaliou. “É uma atividade complexa, por isso trabalhada constantemente e ensina a necessidade de reflexão no processo de construção do conhecimento”. Relato de professora visitante (PACHECO, 2015, p.22)

1.3.1 Dispositivos de Comunicação

Na Escola da Ponte existem dispositivos de comunicação que são facilitadores para interação entre aluno, professor, pais e funcionários. Esses dispositivos pedagógicos são entendidos como suporte para se criar uma cultura organizacional e estabelecer uma comunicação que seja eficiente e organiza o currículo para que o programa trabalhe de forma integral. Esses dispositivos são: Acho bem/ acho mal. Assembléia. Associação de Pais. Aula direta/Preciso de Ajuda/Posso Ajudar em. Bibliografias individuais e coletivas. Biblioteca. Caderno de recados. Caixinha dos segredos. Clube dos leitores. Comissão de ajuda. Eu já sei. Preciso de ajuda. Mapa de presença. Música nos espaços. Plano quinzenal/plano do dia entre outros. (PACHECO, 2015, p.166). Nos próximos parágrafos descreverei sobre alguns desses dispositivos.

A Escola da Ponte não possui turmas tradicionais, os muros simbólicos entre as salas de aulas foram derrubados. O que existe são crianças e professores, organizando-se em grupos de pesquisa estruturados em torno de um tema específico. Esses grupos são organizados, além do interesse, por afetividade e por diferentes graus de autonomia. Todos os grupos precisam incluir pessoas que estejam com alguma dificuldade de aprendizagem. Existe um projeto vivo e operante:

“Os alunos, através dos dispositivos de intervenção direta, serão responsabilmente implicados na gestão corrente das instalações e dos recursos materiais disponíveis e, nos termos do regulamento interno, tomarão decisões com impacto na organização e no desenvolvimento das atividades escolares.” (PACHECO, 2015, p.185).

Para referenciar o trabalho ainda precisa-se articular um programa que valorize seis Dimensões Curriculares fundamentais, nos termos do Projeto Educativo da Escola que são: a dimensão do desenvolvimento lingüístico; a dimensão do desenvolvimento lógico-matemático; a dimensão do desenvolvimento naturalista; a dimensão do desenvolvimento identitário; a dimensão do desenvolvimento artístico; a dimensão do desenvolvimento pessoal e social. O projeto curricular de cada aluno compreenderá, além do domínio das Dimensões citadas, também abrange o “domínio tecnológico, entendido numa perspectiva eminentemente transversal e instrumental, e o domínio afetivo e emocional” (PACHECO, 2015, p.188).

O cronograma é estabelecido a partir do projeto curricular e os objetivos das dimensões, bem como as disciplinas e conteúdos neles estabelecidos, estão espalhados por todos os murais da escola. A primeira coisa que o aluno precisa aprender é elaborar e seguir o seu “plano de estudo quinzenal e diário” (PACHECO, 2012, p. 170). Cada aluno elabora o seu. Esse plano é um instrumento para gerenciar as atividades durante os dias e quinzenas. Esse roteiro é montado com o auxílio de um professor-tutor ou dos orientadores educativos. Os objetivos são colocados de acordo com o currículo, e são marcados os que foram alcançados e os a alcançar diariamente.

Com o uso dos planos perde-se o caráter de uma escola que Rubem Alves chama de “linha de montagem”, onde o indivíduo é visto como um produto padrão. Segundo Alves, estas são escolas que se preocupam em formar peças para a grande máquina de mercado. A escola portuguesa, para ele, é considerada uma escola artesã, pois a gestão democrática do currículo é desenvolvida a partir do ritmo, interesse e necessidade de cada aluno. Tornando-os conscientes dos seus objetivos, constroem sua visão e impressões do mundo formadas pelo seu próprio olhar. (ALVES, 2001, p.2). Os estudantes organizam suas planilhas quinzenais e dessas grades nascem os planos diários, que são organizados por cada aluno e sempre avaliados ao final. Para cumprir os planos os alunos usam os recursos que lhes forem necessários e coerentes, bem como, livros, fichas, manuais, pesquisas na internet, entre outros.

Todo o trabalho realizado tem como prioridade colocar o aluno no centro da sua formação. Ele é um agente ativo do seu processo de aprendizagem. Engajado na conquista dos objetivos de forma individual e para o grupo. O aluno escolhe o momento que vai estudar cada conteúdo e cumprir com o objetivo da sua grade, existe uma liberdade, como relatou Celso Vasconcellos sobre a sua visita: “O educando sabe que, por exemplo, no Aprofundamento, tem três anos para dar conta daqueles 235 objetivos de Língua Portuguesa, cabendo a ele, com o acompanhamento do Professor Tutor, gerenciar seu desenvolvimento”. (VASCONCELLOS, 2006, p.7)

Na "Escola da Ponte" é assim. As crianças que sabem ensinam as crianças que não sabem. É a rotina do dia a dia. A aprendizagem e o ensino são um empreendimento comunitário, uma expressão de solidariedade. Mais que aprender saberes, as crianças estão a aprender valores. Para que aconteça essa rotina, os dispositivos criados para o auxílio mútuo foram: Aula Direta/ Preciso de Ajuda/ Posso ajudar em, que funcionam como pedidos de ajuda de grupos de alunos e em diferentes áreas. Os alunos interessados inscrevem-se no dispositivo: preciso de ajuda e quando algum aluno acha que tem conhecimento aprofundado de determinado assunto e acredita poder ajudar o colega com as dúvidas se inscreve em: posso

ajudar. Assim cria-se uma cultura que fortalece os valores de autonomia, de solidariedade e respeito, além de desenvolver um senso de responsabilidade entre os alunos. Nas palavras de Pacheco: “A modernidade projetou-nos numa ética individualista, na qual pretende conservar a benesse da liberdade, ignorando a prática da responsabilidade, algo que lhe é inerente.” Por isso, a Escola da Ponte utiliza certos dispositivos para o resgate da organicidade e corresponsabilização na formação. Ninguém existe sozinho e por onde passamos transformamos a sociedade quando nos portamos como cidadãos.

As assembleias são também um dispositivo de comunicação e de trabalho da Escola da Ponte. Funcionam como uma gestão participativa e democrática da vida escolar. É uma introdução a vivência política para os alunos: “nas assembleias, era exercitado o direito ao diálogo, a livre expressão de sentimentos e ideias, a dignidade, elementos que configuram a prática cidadã” – diz um professor anônimo da escola da ponte. (PACHECO, 2015, p.26). Para que se iniciem as assembleias, ao começo de cada ano letivo realizar-se-á eleições para a formação da mesa. No primeiro momento acontece a formação de uma comissão eleitoral, que irá organizar e supervisionar toda a eleição, bem como verificar se todos os alunos têm o cartão de eleitor. De acordo com as normas do regimento da assembleia, inicia-se a composição das listas, que são como chapas eleitorais e devem ser constituídas por dez alunos, sendo cinco meninos e cinco meninas. Em seu período de campanha essas listas apresentam promessas a serem cumpridas: “na campanha eleitoral, cada lista tem que esclarecer suas promessas e explicar a todos as possibilidades de concretização”, diz um professor anônimo da escola da ponte. (PACHECO, 2015, p.68). Após a apuração dos votos, a mesa é composta de forma que haja representantes de todas as listas. O presidente da assembleia será o presidente da lista mais votada. (PACHECO, 2015, p.35)

Após a constituição das assembleias, serão discutidos assuntos de interesse comum. Os alunos fazem todo o processo, desde a convocatória até o debate. Um professor da Escola da Ponte relata que os alunos que fazem parte da mesa adquirem muita autonomia, saberes organizacionais e políticos durante o ano. O estado emocional dos alunos, nas primeiras assembleias, transmitem um pouco de insegurança e “já aconteceu de alguns alunos não conseguirem intervir quando solicitados, mas isso é um processo natural que se vai desenvolvendo positivamente e como muita ajuda dos colegas e de todos os demais intervenientes educativos”. Essa é uma eficiente forma de respeito ao espaço do próximo encontrada pela escola. “Uma oportunidade fantástica para que possam expressar a sua

opinião, que efetivamente é tida como importante e respeitada pelo outro” (PACHECO, 2015, p. 40/41)

1.4 Escolas não são edifícios, Escolas são pessoas.

A experiência pioneira da formação protagonizada pela Escola da Ponte assumia que, para criar um tipo de relação social entre indivíduos em pé de igualdade e não uma situação hierárquica, a organização deve ser tal que permita uma relação direta entre todos os participantes, os quais, exprimindo-se e agindo diversamente, constituem uma comunidade de adultos em autoformação, que surge por princípios democráticos e não autoritários. (PACHECO, 2008, p.45)

Todo o trabalho desenvolvido pela Escola da Ponte deve ser abordado como um retorno a individualidade, como já citei anteriormente, José Pacheco, ao dizer que todo projeto humano é um projeto coletivo que tem como busca o respeito às individualidades. Portanto, a Escola da Ponte tem o anseio por valores que permeiam a natureza humana em busca de uma práxis de trabalho coletivo até alcançar uma excelência acadêmica, dando ao aluno autonomia, desenvolvendo solidariedade e responsabilidade.

Na escola da Ponte cada um faz a sua parte, através de uma gestão horizontal. Todos são importantes. Os que não querem são respeitados e “nós aproveitamos as pessoas como são” (PACHECO)²

Em Entrevista à revista Folha de São Paulo em 2011³, José Pacheco revela que Rubem Alves, ao dizer sobre a Escola da Ponte em seu livro, citado também nessa monografia: A Escola que Sempre Sonhei sem imaginar que Pudessem Existir (ALVES, 2011) tenha exagerado um pouco em suas palavras e mostrou apenas o lado bonito da Ponte. O professor, nessa entrevista, apontou as dificuldades reais para se alcançar todo o trabalho que hoje é desenvolvido.

“É doloroso falar nisso. Há grandes lutas no projeto. No início, houve grande violência, tanto simbólica quanto explícita. Há 35 anos, havia uma prática comum na escola: professor batia em aluno e aluno batia em professor. Há o conflito entre pessoas diferentes enquanto não aprendemos a aceitar o outro. ” (PACHECO).

Ao abordar a Escola da Ponte nesse trabalho, não quero de forma alguma dizer que o José Pacheco e a estrutura da Escola da Ponte são os salvadores da escola brasileira, quero

² Apresentação do José Pacheco para o TEDx Experiências Inovadoras

apenas mostrar a relevância do seu trabalho dentro das adversidades e problemas para desenvolver uma educação fora do viés da educação tradicional. Sendo um exemplo de um trabalho coletivo de professores que conseguiu encontrar um caminho que tem como prioridade o aluno, considerado como indivíduo único, curioso, inquieto e criativo.

Conheceremos a seguir a Escola Classe da 115 Norte, uma das escolas brasileiras que tem buscado um processo de transformação e libertação das vias tradicionais e que utilizam como exemplo e influencia a Escola da Ponte.

2. Escola Classe 115Norte - Um Pé na Ponte

A escola Classe 115 Norte, foi inaugurada em 13 de março de 1984 pela Secretaria de Educação e Cultura do Distrito Federal, no Governo José Ornellas de Souza Filho. É uma instituição vinculada à Coordenação Regional de Ensino do Plano Piloto/Cruzeiro, da rede pública de ensino, sendo subordinada à Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, com a complementação curricular realizada pela Escola Parque da EQN 210/211. Com oferta de ensino aos anos iniciais do Ensino Fundamental, a escola atende atualmente a 271 crianças com idade a partir de seis anos, de diversos níveis socioeconômicos, moradores do Plano Piloto e de outras Regiões Administrativas do Distrito Federal e entorno. A escola possui sete salas de aula e mais outras oito salas distribuídas com multifuncional, direção, professores, servidores, Serviço de Orientação Educacional - SOE, de recursos, vídeos e secretaria, laboratório de Informática, biblioteca, cantina e quatro banheiros. Um parquinho infantil se encontra instalado no espaço de livre recreação, à disposição dos alunos. Como as demais da rede pública de ensino, a escola atende a crianças com necessidades educacionais especiais, contemplando aquelas com deficiências, Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) e Transtornos Funcionais Específicos (TFE). O quadro funcional da escola é composto por 18 professores regentes, dois professores que atuam na direção, uma orientadora educacional, uma coordenadora, uma professora na biblioteca, uma professora de atendimento educacional especializado, uma secretária, um apoio administrativo, quatro servidores que atuam na limpeza, duas merendeiras, dois porteiros e quatro vigias. A escola conta ainda com o trabalho de uma Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem Itinerante. A escola busca estabelecer parcerias com a comunidade local, associações e órgãos governamentais e não governamentais.

A escola tem como missão, de acordo com o Projeto Político Pedagógico e entrevista com a diretora Marta: Ser referência de formação humana para o território educativo, contemplando a comunidade escolar, devendo, para isso, operacionalizar o acesso e a aprendizagem ao seu público-alvo, ofertando um ensino de qualidade voltado para o desenvolvimento das dimensões humanas, contribuindo para que as crianças e os adolescentes se tornem cidadãos para a vida, críticos, participativos, comprometidos e transformadores da sociedade.

Os resultados da escola têm representado o conjunto de esforços realizados a partir de uma estratégia de avaliação focalizada no desenvolvimento coletivo, em que a direção e a

coordenação acompanham as ações, intervindo de modo a garantir uma educação sustentada nos quatro pilares da educação para o século XXI, compreendidos como aprendizagens fundamentais ao longo de toda a vida: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender (DELORS et al., 1998). Desse modo, a busca de resultados prima pela formação de indivíduos críticos, capazes de delinear e construir o próprio futuro, sendo essa busca o reflexo de um planejamento pedagógico voltado para o desenvolvimento pessoal que conta com o forte comprometimento dos profissionais da escola.

2.1 Portões Abertos

Uma escola sem muros. É assim que vimos a Escola Classe 115 Norte. Desde os seus portões, sentimos a escola impregnada de criatividade e boas ideias para o desenvolvimento dos alunos e de uma gestão democrática atuante. As salas de aula possuem um formato diferente do tradicional, como por exemplo, as cadeiras são organizadas em grupos de trabalho. O currículo tem sido desenvolvido de forma democrática, onde o compromisso dos professores, pais e alunos, assim como os demais servidores da escola é a elaboração e organização, de acordo com o espaço/tempo disponibilizado para o estudo de conteúdos e a realização de atividades. Nesse sentido a escola realiza vários projetos, tendo como prioridade o desenvolvimento de um processo educacional que seja significativo e de qualidade. Alguns deles são: os reagrupamentos (para as crianças do 1º ao 3º ano), onde os alunos são organizados de acordo com seu nível de alfabetização e realizam atividades visando o seu desenvolvimento; Projeto interventivo (para crianças do 4º e 5º anos) assemelha-se ao reagrupamento. Essa faixa etária é reorganizada de acordo com seus interesses e dificuldades; Recreio da Alegria, recreio com brinquedos pedagógicos, monitorado pela Orientadora Pedagógica, com a ajuda de alguns servidores. (Desejam, com esse, trabalhar a brincadeira saudável, que são jogos com valores aprendidos no ambiente escolar aplicados no cotidiano.); Projeto Plantando Virtudes: realizado pela Orientadora Pedagógica, com a leitura de textos reflexivos e aplicação de atividades acerca de valores e virtudes necessários à boa convivência escolar entre outros projetos e parcerias com a comunidade; Projeto de Leitura Era uma Vez: realizado com todos os segmentos da escola, com leitura de livros durante um tempo determinado em um dia da semana e complementado com a “sacolinha literária” (leitura em casa).

Outro diferencial é o trabalho da orientadora educacional, que desenvolve projetos junto à escola e traça um diagnóstico apresentando-os aos professores. Ela desenvolveu uma

tabela para análise, enumerando os alunos novos e os alunos antigos, considerando alunos antigos aqueles que estão a mais de dois anos matriculados. Os números apresentados, representam a dificuldade de se fazer uma avaliação que seja fidedigna, já que não possuem uma clientela formada: “Existe uma rotatividade na escola, sempre existem mais alunos novos do que antigos. ” (Yvete – Orientadora Educacional/SOE). Outro ponto colocado são os alunos que estão retidos (cerca de 19 alunos no ano de 2016), são alunos que sofreram fracasso escolar durante vários anos (antigamente, os reprovados), “eles não devem ser esquecidos dentro da escola, precisam de certa atenção para que as suas dificuldades sejam sanadas. ” (Yvete). Esses alunos estão diluídos e envolvidos, “enturmados” com os alunos regulares. Outro dado são os alunos com dificuldades especiais que são os autistas, os alunos cegos, surdos, mudos, alunos com vários tipos de síndrome como a de Asperger. Esses alunos possuem uma rotina diferenciada, até serem completamente inseridos e inclusos em outras turmas, eles possuem professores e turmas separadas. Dependendo do grau de dificuldade, esses alunos dispõem de um professor e um trabalho pedagógico individualizado. Os alunos que têm cadastro no programa Bolsa Escola, também são colocados na tabela. A orientadora mencionou que precisa saber quem são e onde estão esses alunos para que recebam a assistência que lhes é necessária. Por exemplo, caso tenha um passeio, esses alunos podem dizer que não possuem o recurso necessário para ir, pois realmente são alunos de baixa renda. A necessidade de se ter um diagnóstico é um princípio da escola em conhecer o aluno na sua individualidade e também para a resolução e mediação de conflitos. A orientadora mencionou que trabalha de forma preventiva. Tendo os dados à mão ela pode desenvolver uma mediação indireta, antes que o conflito aconteça.

O envolvimento dos pais na escola acontece de forma significativa, segundo a professora Luciana, os pais colaboram financeiramente com a escola, arrecadando um valor significativo para a APAE (Associação de Pais e amigos dos Excepcionais), o que traz para escola excelentes materiais pedagógicos, brinquedos educativos, entre outros materiais auxiliares para o desenvolvimento da prática educativa. Alguns pais também participam dos intervalos e outros promovem projetos socioeducativos, como o caso da avó Neide que é formada em matemática e é professora aposentada da Universidade de Brasília, ela auxilia os alunos com dificuldades e desenvolve uma atividade de lógico-matemática pelo menos uma vez por mês. Como a diretora Marta disse em entrevista, são passos pequenos até que os pais realmente se envolvam.

As aulas de Educação Física e de Artes são oferecidas na Escola Parque 315 Norte. Em Brasília, as escolas parques possuem uma excelente estrutura para o desenvolvimento de práticas corporais e artísticas.

2.2 – A Trilha: Um Processo Coletivo

Tudo começa com pequenas sementes e a Ponte lança sementes. Podemos começar na relação com um aluno, depois com toda a turma e como toda a escola, ou até mesmo o contrário, já não sei... o importante é começar! A escola tradicional precisa pensar qual a sua concepção de aprendizagem. Qual o papel do aluno e das relações que estabelece... as respostas para essas questões já podem indicar o caminho. (PACHECO, 2008, p.31)

O objetivo da Escola Classe da 115 Norte é promover uma transformação sociocultural a partir de uma prática emancipadora. Assegurar uma educação de qualidade que valorize não apenas as informações e a busca do desenvolvimento cognitivo, mas que procure compreender a escola como um todo educativo, no qual os alunos sejam contemplados na sua plenitude humana (afetivo, físico, social e assim por diante) pela ação de todos os agentes incluídos no contexto escolar. E estimular a interação da escola com a comunidade.

Para isso, tem feito parceria com a Gaia Escola – Construindo comunidades de Aprendizagem para um mundo sustentável. É um programa, totalmente desenhado para a sustentabilidade e prática pedagógica da Escola da Ponte, tendo como coordenador pedagógico o professor José Pacheco. O projeto Gaia está inserido em mais de 34 países e nasceu de um grupo de educadores e designers de ecovilas de diversos países. Esse projeto busca formar educadores que estão incomodados e até mesmo frustrados com a educação atual, tendo como objetivo dois pilares:

Reconfiguração da prática escolar e as dimensões da sustentabilidade que são sociais, visão de mundo, econômica e ecológica, para qualquer educador formal ou não formal. Para reconfigurar a educação, se transformar numa pátria educadora não é uma proposta que se vincula apenas as estruturas formais de educação, mas uma missão para todos nós. (Cláudia Passos Santana, coordenadora do Gaia Escola em entrevista a rádio EBC.)

O Professor José Pacheco, entrou em contato com a turma da escola Classe 115 Norte em junho de 2015, em uma roda de conversa com educadores e comunidade escolar em busca de um novo saber-fazer pedagógico que seja sólido e inovador. Com a pretensão de construir um coletivo que tenha um envolvimento real da sociedade local.

Conforme o discurso do José Pacheco⁴, todos os que escolhem ser professor, escolhem por três motivos: 1- porque precisam de um emprego; ou 2- por amor; ou 3- por vingança. Sendo a última opção a que foi escolhida por ele, para se vingar de todos os professores péssimos que presenciou. Para que uma mudança real aconteça na escola é necessário entender que o problema da escola brasileira não é um problema de aprendizagem é um problema de “ensinagem”. Os professores brasileiros estão mais preocupados em importar ações e descobrir o que está acontecendo na educação fora do país, do que olhar para si e perceber que já tem tudo o que precisa para que aconteça uma transformação no processo de escolarização. A sua crítica é que o educador brasileiro desperdiça recursos e está muito preocupado em responder perguntas que não foram feitas. Para Pacheco, nos é necessário pedir o dom da “escutatória” e ouvir um pouco mais dos escritores do nosso país como Paulo Freire, Anysio Teixeira, Darcy Ribeiro, entre outros.

A ponte me ensinou que eu precisava olhar com mais cuidado e carinho para experiências do meu próprio país, na coerência de reconhecer as práticas bem-sucedidas, que ocorrem no cotidiano das nossas escolas, e situá-las no centro dos nossos debates educacionais, pois as respostas para alguns dos nossos problemas só podem estar estampadas nas diversas tonalidades que colorem nossas escolas – Depoimento de professora brasileira (PACHECO, 2015, p.27)

De acordo com Delors, é preciso organizar-se ao redor de quatro aprendizagens fundamentais para a construção do conhecimento no século XXI: aprender a Conhecer que é “adquirir os instrumentos da compreensão”, aprender a Fazer “para aprender a agir sobre o meio envolvente”, aprender a Conviver (viver junto) “a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas, e finalmente aprender a Ser “via essencial que integra os outros três precedentes”. (DELORS, 1996, p.89). Para o Projeto Gaia, segundo José Pacheco a educação brasileira ainda não conseguiu desenvolver práxis para a prática desses pilares pedagógicos, as escolas não são governadas por uma lógica educacional, mas sim por uma lógica administrativa. Portanto, segundo o seu discurso, além desses, a escola precisa de mais três pilares: aprender a desaprender: “Não somos aquilo que fizeram de nós, mas o que fazemos com o que fizeram de nós”, ou ainda “O importante não é o que fazemos de nós, mas o que nós fazemos daquilo que fazem de nós.”. Ou “Desaprender oito horas por dia ensina princípios, aprender a desaparecer, é preciso gerar autonomia e não criar dependências [...] é preciso que os projetos sejam sustentáveis e pra isso devemos ter o dom do desapego” e

⁴ Dados recolhidos de Rodas de Conversas na Escola Classe 115 Norte desde 2015 e apresentação no TEDx Experiências Inovadoras.

aprender a desobedecer “e desobedecer em comunidade, desobedecer sozinho é suicídio [...] no Brasil temos excelentes leis como os PPP’s, as LDB e os PCN’s, mas existem outras que impedem que os PPP’s sejam realizados”.O convite do projeto Gaia Escola é trabalhar em comunidade em busca do objetivo principal da escola que é fazer do Ser Humano mais sábio e mais feliz, segundo Pacheco.

Queremos uma escola que acompanhe o desenvolvimento de nossos filhos com uma metodologia atrativa, que mostre na prática, as teorias. Queremos projetos que ensinem valores, fazendo da escola um lugar onde ensine a contestar, a "provocar", que alimente na criança a vontade de aprender e aprender com qualidade.

Queremos uma escola onde os educadores não se contentem em ensinar apenas do modo como já ensinam, somente no quadro negro/branco. Que não se contentem em saber apenas o que já sabem. Que aprendam cada vez mais com nossas crianças.

Queremos que nossos filhos aprendam além do conhecimento acadêmico, que tenham a possibilidade de conhecer coisas novas, legais, como: robótica, música e quem sabe, até aprender a dirigir carro. Queremos incentivo para nossas crianças se aventurarem e aprenderem por curiosidade e não por obrigação.

Contribuição de Amanda e Maurílio Sampaio compartilhada na Roda de Sonhos – Projeto Gaia Escola (28/11/2015)

O objetivo desses encontros é desenvolver a identidade da Escola Classe 115 Norte, a partir das suas questões mais urgentes buscar caminhos de novas atitudes. Mesmo tendo a Escola da Ponte como referência, o desejo não é fazer uma cópia de toda a estrutura e dispositivos para aplicação e sim, entender a essência da mudança que é o trabalho coletivo.

2.3 Intervenção – Comunicação Não Violenta (CNV)

A diretora e a vice-diretora Marta e Renata da Escola Classe 115 Norte, possui uma posição intervenção preventiva que é agir no problema antes que ele aconteça. Com isso, assumiram uma postura de comunicação que possibilita que a nossa compaixão natural floresça. Portanto, aprofundam seus estudos na técnica do psicólogo norte-americano Marshall Rosenberg da Comunicação Não Violenta: A CNV promove a maior profundidade no escutar, fomenta o respeito e a empatia e provoca desejo mútuo de nos entregarmos de coração. A CNV é um processo que fortalece a capacidade de continuar sendo humano diante de situações adversas. Então, se baseia em habilidades de linguagem e comunicação para mediar disputas e conflitos em todos os níveis.

O processo de Comunicação não Violenta, “usando o termo “não-violência” na mesma acepção que lhe atribuía Gandhi – referindo-se ao nosso estado compassivo natural quando a violência houver se afastado do coração” (Rosenberg), é estabelecido em quatro componentes: observação, sentimento, necessidade e pedido.

1. Observação: o que está realmente acontecendo nesta situação? Segundo Rosenberg, o truque é conseguir fazer essa observação sem nenhum julgamento ou avaliação, mas conseguir estabelecer o que nos agrada ou não daquela situação.

2. Sentimento: identificar, diante da observação, como se sente: magoados, assustados, alegres, irritados, etc.

3. Necessidades: Reconhecer a necessidade a partir da análise sincera dos sentimentos.

4. Pedido: um pedido sincero para que aquela situação mude.

A CNV promove maior profundidade na comunicação. Ela constrói um ambiente seguro para a escuta, o respeito e a empatia. Mas, existem alguns fatores que acabam produzindo o efeito inverso como é o caso da comunicação alienante a qual tem como fatores o uso de julgamentos moralizadores, que são aquelas pessoas que não agem segundo certo padrão e valores e são tidas como erradas ou como más. Outro fator alienante para a comunicação é fazer comparação. Esses fatores bloqueiam a compaixão tanto pelos outros como por nós mesmos. Outro problema da comunicação alienante é que pode “prejudicar nossa compreensão de que cada um de nós se torna responsável por seus próprios pensamentos, sentimentos e atos”.

Por isso, as mediações de conflito possuem um caráter restaurativo, e é um método para resolução de conflitos. A diretora nos disse que, em vários momentos de sua carreira, os alunos, quando envolvidos em algum conflito, eram mediados por ela assim: tentava entender o ocorrido, separava os alunos, definia quem era o “culpado” pela situação e pedia para se desculpar com outro. Aparentemente o problema estava resolvido, a questão é que esse tipo de abordagem não provoca reflexão sobre as causas que estão na raiz no problema. Esse tipo de abordagem citado é a abordagem punitiva quem tem como características: definir o culpado, foco no passado, as necessidades são secundárias, enfatiza as diferenças, a imposição de dor considerada normativa, foco no ofensor e a vítima é ignorada, instituição responsável pela resposta ao conflito. Já na abordagem restaurativa a resolução do conflito é central, a responsabilização é coletiva e não individual, o foco vai para a reparação de danos e

atendimento da necessidade de todos; e existe uma construção de planos de ação pela comunidade.⁵

“Estou mudando minha forma de mediar os conflitos, agora ouço mais e tento não me intrometer tanto[...] os adultos tem uma terrível ideia de que só eles podem resolver os problemas das crianças. Vou jogando as questões até que eles percebam o que aconteceu e como eles podem resolver isso” (Marta, reunião com o PIBID 30/03/2016)

A Escola Classe 115 Norte possui uma excelente equipe de direção, duas mulheres Marta e Renata, guerreiras e cheias de vida. Questionadoras e fortes, em uma das conversas que tive com a diretora Marta, ela nos disse que uma das maiores dificuldades que ela encontrava, não eram os alunos violentos ou com baixo rendimento, na verdade os alunos não são nenhum problema na visão da diretora, o problema maior encontrado por elas é o envolvimento real dos professores, principalmente os que estão a mais tempo na secretaria de educação. São pessoas que não conseguem ver que os formatos das aulas não acompanham as crianças e adolescentes do século XXI e impedem toda e qualquer iniciativa de mudança, dizendo que desenvolver projetos acumularia trabalho. Com PIBID interdisciplinar, em nossa primeira visita a escola, quando fui nos apresentar, algumas professoras chegaram a dizer: “nossa mais uma equipe”, “essa escola está ficando muito cheia daqui a pouco eu não consigo nem desenvolver meu conteúdo”. São professores que ficam apáticos e raramente apóiam projetos, a não ser que tenham sido sugestões pessoais. Assim como as mediações de conflitos de forma restaurativa que são praticados com eficiência, principalmente pela diretora e vice-diretora.

Essa não é realidade apenas da 115 Norte, praticamente todas as escolas possuem um grupo de professores que agem dessa maneira. Marta é uma mulher esperançosa, num momento da reunião ela disse: “Tenho esse tempo como diretora, se no final eu não consegui desenvolver o que está sendo proposto com a escola toda, volto para a sala de aula porque eu sei que lá eu consigo”.

⁵ Informações retiradas de entrevista e reuniões com a diretora e do Manual de Justiça Restaurativa.

3. PIBID INTERDISCIPLINAR

O PIBID é uma iniciativa da CAPES para o aperfeiçoamento e valorização da formação dos professores na educação básica. Esse programa concede bolsa a alunos de licenciatura participantes do projeto de iniciação à docência de instituições superiores em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino. Nesse projeto, os estudantes são inseridos no contexto escolar e desenvolvem atividades pedagógicas junto a um professor supervisor, no caso esse professor é da área de conhecimento do aluno e do seu PIBID de área (ex.: química, matemática, artes cênicas, etc.).

“(…) inserir o licenciando no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem; incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como co-formadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério(…)” (Site da CAPES, 2016).

Criado em março de 2014, o PIBID interdisciplinar UNB tem por objetivo a integração de várias licenciaturas e o desenvolvimento de projetos interdisciplinares que incentive o trabalho coletivo entre os futuros licenciados e o desenvolvimento das inteligências múltiplas dos alunos.

Coordenado pelo professor Glauco Falcão, temos como inspiração o método de ensino humanista que acontece na Escola da Ponte – Portugal – regida pelo professor José Pacheco e algumas outras escolas que buscam o desenvolvimento do ser humano de forma integral aqui no Brasil, que é o caso do Projeto Ancora – SP.

O PIBID interdisciplinar está na categoria do PIBID diversidade, que tem como objetivo trabalhar na escola de uma maneira diferente do que acontece nos PIBID de área. O subprojeto interdisciplinar está vinculado com o laboratório de incubadora de projetos (LIPRO), que desperta potenciais e os colocam em seus destinos. Nesse programa, nós reconhecemos que o conhecimento é construído de forma orgânica e coletiva. E o objetivo é a formação de educadores comprometidos com a transformação da engrenagem e com a busca por uma qualidade de vida tanto pessoal quanto do próximo. Esse programa prepara o aluno de licenciatura a encarar a sua formação como ‘Educador’, como Rubem Alves diz:

É isto que eu quero dizer ao afirmar que o nicho ecológico mudou. O Educador, pelo menos o ideal que minha imaginação constrói, habita um mundo em que a interioridade faz uma diferença, em que as pessoas se definem por suas visões, paixões, esperanças e horizontes utópicos. O professor, ao contrário, é funcionário de um mundo dominado pelo Estado e pelas empresas. É uma entidade gerenciada, administrada segundo a sua excelência funcional, excelência esta que é sempre julgada a partir dos interesses do sistema. Frequentemente, o educador é mau funcionário, porque o ritmo do mundo do educador não segue o ritmo do mundo da instituição.” (ALVES, 1980, p.15)

Na fala do Glauco Falcão, coordenador do projeto, a instituição de ensino sempre pede ao futuro educador que seja interdisciplinar e que fuja dessa padronização e estrutura curricular que adoece e definitivamente não funciona no século XXI. O problema é que, na formação desse licenciando, não lhe é dado ferramentas para desenvolver projetos. E ao chegar à escola se depara com uma série de dificuldades como a de dialogar com outros professores para o desenvolvimento de uma interdisciplinaridade. E acabam reproduzindo o que já existe. Como diz José Pacheco:

Entregues a si próprios, encerrados no refúgio da sua sala, a sós com os seus alunos, o seu método, os seus manuais, a sua falsa competência multidisciplinar, em horários diferentes dos de outros professores, como poderiam partilhar, comunicar, desenvolver um projeto comum? (PACHECO, 2011, p.13)

Essas estruturas são resistentes e os professores que lá se encontram, em sua grande maioria, já estão condicionados a trabalhar como trabalham e qualquer menção de mudança pode causar problemas e muitas portas fechadas para iniciar qualquer projeto. José Pacheco pergunta: a quem serve essa formação? Talvez a ninguém. “Se algum êxito estes programas tiveram foi o de reforçar o alheamento e a alienação de grande número de professores, mantendo-os como simples consumidores de formação” (PACHECO, 2011, p.11) Como respondeu a aluna de pedagogia do 7º semestre, no PIBID interdisciplinar desde 2/2014:

A importância que o PIBID interdisciplinar tem em minha formação é de efetivamente vivenciar a prática docente antes de sair do meio acadêmico. É conhecer um meio escolar sendo colocada já como professora e fazer esse link entre a escola pública e o mundo acadêmico.

3.1 Dinâmicas do Subprojeto – Construção da Consciência Coletiva

Para começar, os alunos que entram no PIBID são de diversas licenciaturas, pessoas completamente diferentes, com interesses e focos distintos e que precisam trabalhar de forma

coletiva, sendo assim o professor Glauco, pediu para que todo o grupo se matriculassem na disciplina Programas Preventivos, oferecido na faculdade de Educação Física, UNB:

Disciplina de caráter teórico prático que, com princípio extensivo, busca incentivar e proporcionar aos estudantes universitários, vivências contextualizadas “na realidade” das comunidades periféricas através do desenvolvimento de projetos voltados para a saúde e qualidade de vida, contribuindo assim para a formação e transformação do estudante numa perspectiva socialmente referenciada para sua futura prática profissional (Glauco Falcão, programa da disciplina 2/2014).

De acordo com o programa da disciplina, os objetivos dessa são: capacitar o estudante para desenvolver e atuar em projetos relevantes e significativos para a sociedade a serem realizados em escolas periféricas do Distrito Federal. Entender os fatores epistemológicos que são agravantes para o perfil da comunidade, bem como os indicadores epidemiológicos de saúde coletiva e incentivar iniciativas criativas e inovadoras para elaboração e aplicação de programas de saúde e qualidade de vida.

No primeiro momento, a disciplina tinha um caráter de contextualização confrontadora com a realidade. Através de leituras e análises de filmes e documentários, discutimos sobre a sociedade, sobre as nossas prioridades, sobre as construções egóicas e de como sabotamos a nossa qualidade de vida quando nos permitimos viver condicionado, sem autoconhecimento e auto avaliação quanto às escolhas e decisões. O exemplo que o professor Glauco sempre traz é: “Você acha que a alta velocidade do automóvel é o maior responsável pelos acidentes de trânsito?” A resposta é sempre unânime, todos concordam. Então, ele faz a segunda pergunta: “Quantos aqui andam na velocidade da via?” São poucos os que afirmam que estão sempre dentro do limite de velocidade. Com essas perguntas, afirmamos que: concordamos com os índices de acidentes de trânsito por conta da velocidade, mas não nos inserimos no problema, não fazemos parte e que se existe acidente de trânsito por alta velocidade, mesmo que eu sempre ande acima da velocidade da via, essa responsabilidade não é minha. Esse é o primeiro e mais importante paradigma que se é confrontado: Eu faço parte do problema. A sociedade é como é porque “eu”, de alguma forma, alimento e reproduzo os erros por não entender que sou responsável pela mudança e transformação, “eu” posso causar transformações e impactos com a minha mudança de postura e práticas, ainda que seja em um pequeno raio de ação.

Depois, desenvolvemos uma dinâmica chamada: Dinâmica da Ilha⁶. Os facilitadores da dinâmica são: 1- o grupo apresenta amnésia social, 2- o indivíduo mantém as capacidades

⁶ Anotações em sala de aula dos slides e áudios feitos em reuniões do PIBID interdisciplinar

cognitivas, 3- não há ninguém na ilha, a não ser o grupo participante e 4- o objetivo do grupo é alcançar a maior qualidade de vida. Com essa dinâmica discutimos:

- Parte 1: sobre as necessidades emergenciais (necessidades básicas, comida, abrigo, etc.), decidimos qual será o princípio de interação social (competição x cooperação), como satisfazemos nossas necessidades básicas (extraindo e usando recursos naturais?), a forma extrativista garante provimento futuro? (De forma instável), como estabilizar a subsistência futura? (Incrementando o trabalho sustentável). Os princípios que são estabelecidos é o direito à vida (ética humana), direito a terra (subsistência), direito a individualidade (o respeito à diferença). Lembrando que individualidade é diferente de egoísmo.
- Parte 2: Sobre alternativas para aumentar a qualidade de vida do grupo: O que é necessário para melhorar a condição de vida do grupo? (Conhecimento). Basicamente como se produz conhecimento? (Através da observação e experimentação) O que é necessário para a produção de conhecimento? (Tempo disponível). Como disponibilizar este tempo? (Estabelecendo um pacto de interdependência: compromisso ético) Princípios Estabelecidos: O conhecimento é uma necessidade humana; O conhecimento promove a qualidade de vida; O conhecimento é de domínio coletivo.
- Parte 3: Ampliação da Complexidade Social - De que forma o modelo de produção é mais eficiente? (Individual ou coletiva); como deve ser a transmissão dos conhecimentos produzidos? (Sistema educacional); como garantir a distribuição de bens de forma sustentável? (Equilíbrio populacional e consumo consciente). Princípios estabelecidos: O Altruísmo promove qualidade de vida. (Paradigma cooperativo); O Direito a educação; A preservação do meio ambiente.

Após a experimentação deste exercício, os estudantes dispõem de uma percepção impar para promover o confronto entre o ideal, construído virtualmente, e o real cotidiano. Este confronto perceptivo proporciona um processo de afloramento causal de forma tão evidente e marcante que surpreende os participantes da dinâmica, que ao se depararem com a obviedade dos princípios, se veem praticamente obrigados a reformularem muitos de seus padrões conceituais (preconceitos). (Glauco Falcão)

Essa dinâmica e as aulas da disciplina Programas Preventivos, auxiliam na reflexão e quebra de importantes paradigmas, como por exemplo, a propagação do erro original por não termos uma visão crítica sobre nossas práticas e escolhas. E nos leva a procurar ações que não solucionem os problemas a curto prazo – ação remediativa. As ações precisam agir nos fatores

e causas, na raiz do problema – ação preventiva. Porque é importante pensarmos nessa lógica antes de nos tornarmos educadores?

Nessa sala de aula estamos mais do que antiquados, o quadro e vocês assim só esperando, então será que no futuro nós vamos ter a chance de mudar isso ou vai continuar desse mesmo jeito? Porque a nossa realidade é essa, porque Pernambuco, porque nordeste porque Brasil e tá pra lá de Bagdá. Nós debatemos todos os dias isso, a vida prática do docente. Como é que você vai se comportar? Como será a escola do futuro? Como será a sua prática pedagógica? De que lado você vai ficar? Do lado do sistema tapando os olhos e fazendo tudo do mesmo jeito? (JARDIM,2006)

Foi o que disse a professora Denise da Escola Estadual Dias Lima, no município de Inajá, para a sua turma de futuros educadores do curso de magistério no documentário *Pro Dia Nascer Feliz*. O formato da educação como está cansa, adoece apodrece o professor; inibi e castra o aluno. E constatamos isso em nossas observações nas escolas, professores desmotivados, com doenças psicossomáticas. Nas palavras da orientadora educacional Yvete Tavares da Escola Classe 115 Norte: “ninguém aguenta mais esse sistema, os professores já se aposentam cheios de doenças causadas por estresse. Tenho uma colega de apenas 35 anos que foi afastada, com síndrome do pânico, de tão estressada que ficou em sala de aula”. Se focarmos na raiz do problema, entendermos que o sistema educacional, como Paulo Freire chama de Formação bancária, que o professor é detentor do conhecimento e o aluno é apenas um receptor é uma ofensa para as interações humanas e até mesmo para a motivação intrínseca tanto do aluno quanto do professor. Tentar fragmentar o conhecimento chega a ser uma loucura que causa muito estresse para todos da comunidade escolar.

O PIBID interdisciplinar tornou essa experiência ainda mais rica, uma vez que novas ideias são colocadas em nosso cotidiano, em primeiro plano está a formação de um coletivo. O objetivo de se formar o coletivo foi difícil de se alcançar, uma vez que cada um tem seus afazeres, bem como suas próprias concepções de como deveríamos trabalhar em sala. Com muitas conversas, concessões, e todas as partes cedendo de alguma maneira, foi possível conquistar o objetivo da formação do coletivo. Para trabalhar de maneira interdisciplinar é preciso realizar um processo de desconstrução da concepção "clássica" de como deve se trabalhar em sala, o ego carregado por cada disciplina de forma individual também deve ser esquecido, e o coletivo deve ser a base do planejamento de todas as atividades interdisciplinares, de maneira que ao fim todas as disciplinas estarão representadas de alguma forma. (Bruna Sena, aluna do 7º semestre de História, no PIBID interdisciplinar desde 2/2014)

A parte mais desafiadora do nosso projeto é criar um trabalho que seja realmente coletivo, e interdisciplinar e em alguns casos transdisciplinar. A formação do coletivo precisa do envolvimento/interesse/responsabilidade individual. Contudo, lidamos com dois tipos de motivações que nos levam a caminhos e resultados diferentes: Motivação intrínseca e a

Motivação extrínseca. A motivação extrínseca caracteriza-se pelo envolvimento em determinada atividade por sua própria causa, pelo desafio, por interessar-se de forma curiosa e por achá-la interessante por si só. Parte de uma necessidade de que nasce dentro do ser humano. Já a motivação extrínseca necessita de um fator externo para que seja desenvolvido, seja um salário, um aumento, um prêmio, bônus, crédito, entre outros. Identificar esses interesses dentro de um trabalho interdisciplinar é essencial. Para se quebrar os paradigmas educacionais nos quais estamos inseridos, precisamos começar a investir na motivação intrínseca desde a formação nas universidades, para que se busque um objetivo comum a todos.

“Uma das maiores dificuldades que identifiquei dentro do PIBID, em relação à formação do coletivo, foram os interesses pessoais. Sabendo que o projeto oferece uma bolsa remunerada para que permaneçam, as pessoas, no projeto, o que eu vejo é que muitos não estão de real interesse, e sim pela bolsa, o que acaba dificultando a interação do coletivo, uma vez que a pessoa não se desvincula dando oportunidade para outra pessoa que esteja realmente engajada. Uma boa formação do coletivo se dará no dia que o projeto tiver pessoas com real empenho na formação de ideias para transformação da educação e do ser humano”(Willyas Moreira, aluno de Ciências Naturais, no PIBID desde 2/2014)

Em nossas observações nas escolas, percebemos que uma das maiores dificuldades, como vimos na Escola Parque da 115 Norte é o envolvimento do professor, a falta de interesse, um corpo docente acomodado, em sua grande maioria, sem perspectiva alguma de mudança. O professor brasileiro se vê como um transmissor da cultura e do conhecimento, os fatores extrínsecos como: baixo salário, desvalorização do profissional da educação, falta de um plano de saúde, entre tantas outras coisas, acabam desvalorizando e diminuindo as motivações intrínsecas desses professores, causando essa desmotivação. Boa parte desses profissionais já não acredita mais que algo possa ser feito e esperam mudanças que venham de líderes de sindicatos ou do governo vigente. O formato de trabalho coletivo e de pedagogia de projetos que estamos propondo, não resolve os problemas extrínsecos. Mas, aos poucos melhora a qualidade de vida e de aprendizagem da comunidade escolar.

3.2 Sobre o Processo de Aprendizagem – As Inteligências Múltiplas

O conhecimento não pode ser fragmentado. O conhecimento é mais do que respostas curtas a perguntas curtas. Por isso, acreditamos na construção a partir de projetos que envolvam o máximo de áreas possíveis. No nosso caso, a CAPES libera vinte vagas para cada subprojeto. Hoje, em nossa formação, temos licenciandos nas áreas de Matemática,

Pedagogia, Artes Cênicas, Filosofia, Artes Plásticas, Geografia, Ciências Naturais, Letras, Educação Física e História. Organizamo-nos em grupos e entramos nas escolas para um período de observação. Identificamos as necessidades da escola, dos alunos e da comunidade escolar. Após essa identificação conversamos e nos organizamos para o desenvolvimento de um projeto que envolva as nossas áreas de conhecimento, mas que transcenda o conteúdo e atinja diretamente os alunos para uma construção de conhecimento e de valores. Para Gardner, quem “baseia sua teoria, numa visão pluralista da mente, ou seja, cada pessoa é um sujeito ímpar e tem forças cognitivas diferentes, aprende de forma e estilo diferentes de outros sujeitos oriundos mesmo que de uma mesma sociedade ou meio cultural” ((NOGUEIRA, 2012, p. 44).

Infelizmente, o sistema educacional acaba focando mais em duas inteligências básicas, aquelas cujos testes de QI acabam definindo o futuro eterno de alunos que não se encaixam nessas duas inteligências que são essas: Inteligência lógico-matemático e Inteligências linguísticas. Segundo Gardner, em seu livro, *Estruturas da Mente*, existem oito tipos de inteligências, e segundo essa teoria o ser humano possui duas ou mais inteligências associadas e mais desenvolvidas do que as outras. E as inteligências classificadas por Gardner, e explicadas por Nilbo Nogueira, são:

Inteligência Lógico Matemática: Competência em desenvolver e acompanhar cadeias de raciocínios, resolver problemas lógicos e lidar com cálculos e números (...) não necessariamente uma competência apenas existente nos profissionais que escolheram a área de exatas. Como bom exemplo disso podemos mencionar os advogados, principalmente os de defesa, que criam uma sequência tão lógica de fatos e acontecimentos, que normalmente acabam por defender e absorver criminosos que notoriamente cometeram o delito (...) queremos dizer com isso que a inteligência lógica matemática não necessariamente está relacionada apenas aos cálculos, mas também resolução de problemas que envolvam a lógica e/ou o raciocínio lógico. (p.39)

Inteligências Linguísticas: Capacidade de lidar bem com a linguagem tanto na expressão verbal como escrita. Ex. escritores, políticos, oradores, professores (...) outros exemplos não tão extremos quanto o dos escritores, poetas, autores, etc. seriam aquelas pessoas que mesmo não tendo nenhum livro editado, possuem facilidade para elaborar relatórios, cartas comerciais, petições judiciais e todo e qualquer documento que exija uma boa e clara redação. (p.40)

Inteligência Espacial: Competência relacionada à capacidade de extrapolar situações espaciais para o concreto e vice-versa. Se expressa pela capacidade de compreender o mundo visual com precisão, permitindo transformar, modificar percepções e recriar experiências visuais até mesmo sem estímulos físicos. É predominante em arquitetos, artistas, escultores, cartógrafos, geógrafos, navegadores e jogadores de xadrez, por exemplo. (p.40)

Inteligência corporal Cinestésica: Traduz-se na maior capacidade de controlar e orquestrar movimentos do corpo. É predominante entre atores e aqueles que praticam a dança ou os esportes. Está relacionada a perfeita forma de expressão corporal, assim como à resolução de determinado problema no meio de movimentos de seu corpo. (p.42)

Inteligência Musical: Identificável pela habilidade para compor e executar padrões musicais, executando pedaços de ouvido, em termos de ritmo e timbre, mas também os escutando e discernindo-os. Podem estar associadas a outras inteligências, como a linguística, espacial ou corporal-cinestésica. É predominante em compositores, maestros, músicos e críticos de música. (p. 42)

Inteligência Interpessoal: Capacidade de entender outras pessoas, comunicar-se de forma adequada com elas, motivando-as, incentivando-as e dirigindo-as, em alguns casos, a um objetivo comum. Capacidade encontrada principalmente nos professores, políticos, líderes (...) (p.43)

Inteligência Intrapessoal: Capacidade de se conhecer, de entrar em contato com seu próprio self de se auto avaliar, reconhecendo seus pontos positivos e negativos, ficando desta forma mais fácil trabalhá-los. Dentre os aspectos internos, não podemos deixar de fora os sentimentos e as emoções, mas neste caso, principalmente a capacidade de discriminá-los. (p.44)

Naturalista: Capacidade de realizar qualquer tipo de discriminação no campo da natureza, reconhecendo, respeitando e estudando outro tipo de vida que não só a humana. Característica notada nos biólogos e principalmente nos ecologistas. (p.44) (NOGUEIRA, 2012, p.40 -44)

Um dos objetivos do PIBID interdisciplinar é, através da pedagogia de projetos, construirmos de forma eficiente, curiosa e sadia as múltiplas inteligências. Que, como já vimos anteriormente, o sucesso de escolas como a Escola da Ponte é o desenvolvimento do potencial do aluno, dando-lhes voz e lhes tornado protagonistas além do desenvolvimento de valores ligados à inteligência inter e intrapessoal.

É preciso, sobretudo, e aí já vai nem destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (FREIRE, 2011, pg.24).

Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia*, aborda o tema Formar na educação brasileira, “Formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas, e por que não dizer também, da quase obstinação com que falo de meu interesse por tudo o que diz respeito aos homens e às mulheres” (FREIRE, 2011, pg.16). O formador não deve abordar o formando como um objeto, como um paciente que recebe conhecimento. O formador precisa se tornar um educador democrático, pois “ao formar se forma e re-forma ao formar”. É necessário reinventar-se a cada encontro. Ensinar não é transferir conhecimento, conteúdo. Existe, no ensinar, uma característica de criação e investigação. O educador precisa ser inquieto, curioso, humilde e persistente para que as suas aulas sejam práticas educativas transformadora.

3.3 Um Caminho Real – Intervenção na Escola Classe 316 Norte

Um grande desafio realizado por um dos grupos do PIBID interdisciplinar foi desenvolvido na Escola Classe 316 Norte, Brasília, DF, no primeiro semestre de 2015. O grupo composto por seis alunos das áreas da Geografia, Pedagogia à distância, Ciências Naturais, Artes Plásticas, História e Química, relatavam suas dificuldades de intervenção na escola. Professores resistentes a inovações e problemas de violência na escola e na comunidade ao redor eram os principais. A E.C. 316 Norte, possuía, até então, turmas do CDIS (Correção da Distorção Idade/Série da Secretaria de Educação do Distrito Federal), antigo sistema de “aceleração”. Segundo o documento do Governo do Distrito Federal, denominado Orientações Pedagógicas: Correção da Distorção Idade/Série – CDIS (GDF: Orientações Pedagógicas, p.08, 2009):

A distorção idade/série é consequência de uma antiga cultura da educação brasileira que, baseada na meritocracia, tem naturalizado a retenção dos estudantes em uma determinada série. Quando os estudantes não alcançam os objetivos ou não demonstram as expectativas de aprendizagem predeterminadas pelas propostas curriculares, são obrigados a repetir, no ano seguinte, tudo o que foi visto em uma determinada série, ignorando o seu desenvolvimento global e as aprendizagens construídas por eles.

Ainda, segundo o documento do Governo do Distrito Federal, denominado Orientações Pedagógicas: Correção da Distorção Idade/Série – CDIS (GDF: Orientações Pedagógicas, p.08, 2009) o CDIS está amparado pela legislação brasileira, pois o

O PNE/2011-2020 (Meta 03 – estratégia 3.2) e a LDB 9.394/96 em seu Art. 24, inciso V, alínea b, respaldam a adoção de ações que oportunizem a aceleração de estudos para estudantes com atraso escolar por parte dos sistemas de ensino:

“Manter e ampliar programas e ações de correção de fluxo do ensino fundamental por meio do acompanhamento individualizado do estudante com rendimento escolar defasado...” PNE/2011-2020 (Meta 03 – estratégia 3.2)

V - a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios: (...)

b) possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;” (LDB no 9.394/96, Artigo 24, inciso V, alínea b)

Faziam parte dessas classes: Os alunos que possuíam dificuldades de aprendizagem, desinteresse, “os marginais”, os que “não vão dar em nada”, “os ladrõezinhos da quadra”, “os alunos do entorno”, “os repetentes”. Pelo menos era assim que a comunidade escolar os descrevia. Os moradores da quadra chegaram a fazer um abaixo assinado para que esses

alunos fossem transferidos de escola, já que causavam algazarra, furtos, e perturbações de modo geral.

O PI tinha esses alunos para trabalhar, foi quando a escola cedeu uma aula de PD (PARTE DIVERSIFICADA – Geralmente, aulas de projetos ou oficinas desenvolvidas nas escolas pelo professor de uma matéria específica, não necessariamente é um projeto interdisciplinar).

A primeira etapa do projeto foi identificar as necessidades dos alunos através de uma roda de conversa. Com 10 perguntas norteadoras sobre o passado, o presente e o futuro dos alunos. Esse foi um dos momentos mais significativos até então para o projeto. De acordo com o grupo, eles conseguiram se aproximar dos alunos de forma eficiente. Descobriram os interesses, como se sentiam em relação ao restante da escola, quais os maiores desafios que eles enfrentavam:

As conversas tiveram significância tanto para que nós conhecêssemos os alunos, quanto para que eles nos conhecessem e também para que eles se conhecessem (...). É importante frisar que não foi tão fácil para que todos os alunos participassem da roda de conversa. Alguns alunos foram mais participativos que outros, e turmas mais fáceis de lidar que outras. Na roda de conversa os alunos, ‘pibidianos’ e professores participaram e puderam expressar seus pensamentos e contribuições sobre a vida pessoal e no âmbito escolar.⁷

Por conta dessa intervenção, os alunos ‘pibidianos’, detectaram a necessidade de trabalhar questões como autoestima, relacionamentos interpessoais e conceitos e valores como amizade, solidariedade e companheirismo, dentre outros. Assim iniciou-se um planejamento para OFICINAS DE MÁSCARAS, com objetivo de desenvolver autoconhecimento, empatia, ou seja, conexões inter e intrapessoais.

A intenção da oficina de máscaras era trabalhar os pontos observados na roda de conversa. Os alunos fariam máscaras tendo o próprio rosto e o do colega como molde. A oficina teve o empenho, empolgação e participação dos alunos. Os alunos do PIBID ficaram responsáveis em levar o material necessário para o desenvolvimento da oficina como: ataduras gessadas, tesouras, recipientes para água e vaselina para proteger o rosto dos alunos. As máscaras foram produzidas com ataduras gessadas, água, mãos e muita paciência. Primeiramente foi explicado como ocorreria e posteriormente o trabalho seria feito pelas mãos dos próprios alunos.

A primeira parte do projeto foi realizada com grande participação e ânimo dos alunos que se mostravam muito interessados pela atividade. Com a pintura das máscaras os estudantes tiveram a liberdade de se expressar através da tinta da forma que achassem

⁷ Relatório apresentado pelo Grupo para o professor Glauco Falcão

melhor. Todos pareciam estar empolgados nesse momento, pensando em como ficaria e como fariam para que suas máscaras os identificassem.

De acordo com o grupo participante do projeto, houve um grande envolvimento também dos professores. Os alunos foram envolvidos e protagonizaram toda a atividade.

Os alunos vão formar um círculo, e na Roda de Conversa, cada um com a sua máscara no rosto, fala seu nome e o seu parceiro vai falar qual a qualidade que escreveu no papel e porque acha que o seu companheiro tem esta qualidade. Depois de ouvir sua qualidade, o aluno vai falar sobre as cores, o desenho, o formato da máscara e a oficina. E assim, sucessivamente, o colega que falou a qualidade vai se identificar com a máscara no rosto, e o parceiro lê também a qualidade dele e explica por que. Após falar o nome, cada aluno tira a máscara para ouvir de cara limpa, sem a máscara e aberto a escutar, sobre a sua própria qualidade. E escolhe o próximo a falar. (Diário de atividade da aluna Érica , 6º semestre geografia).

O objetivo que os “pibidianos” estabeleceram na oficina de máscara para os alunos foi trabalhar as inteligências interpessoais através da identificação das características do colega. Fazendo com que eles percebessem o outro e se comunicassem de forma adequada no momento de expor o que escreveu sobre o companheiro. Podemos perceber também, o desenvolvimento da inteligência intrapessoal. Ao pintar a máscara eles precisavam identificar suas próprias características, seu nome, sua origem, e demonstrar sua personalidade. Todo o seu desempenho seria em prol de dizer quem é. E foi com sucesso, com muitos depoimentos positivos dos alunos e dos professores a melhoria significativa no comportamento dos alunos com os “pibidianos” desse dia em diante.

Outra questão a ser observada, algo que o professor Glauco sempre aborda nas reuniões, é que o objetivo maior do PIBID não é apenas que os alunos da universidade entrem na escola e consigam desenvolver o projeto proposto, esse seria um objetivo secundário. O mais importante é a formação teórico e prático desse futuro educador e como foi a construção e o caminho a ser percorrido para que o projeto acontecesse ou não e principalmente qual o caminho para se trabalhar de forma coletiva:

Para mim uma das maiores dificuldades em relação ao planejamento foi o cronograma, estabelecer prazos para que as atividades acontecessem foi realmente um desafio, algumas vezes tínhamos uma dispersão do grupo e fez-se necessário o estabelecimento de datas, e ainda “colocar” nesse cronograma atividades que abarcassem as áreas trabalhadas e tirar um pouco o foco da minha área sempre foi uma atividade difícil. Além disso, como em qualquer outro grupo em um primeiro momento teve uma grande dificuldade com o planejamento de atividades a serem desenvolvidas semanalmente na escola e que tais atividades não eram divididas de forma justa, havia pessoas que tinha mais tarefas e outras poucas. Depois de várias reuniões foi estabelecido tarefas a serem desempenhadas em conjunto por todos os

membros do grupo com o mesmo nível de contribuição e comprometimento. (Érica, 6º semestre de Geografia, no PIBID interdisciplinar desde 2/2014)

Uma das maiores dificuldades que identifiquei dentro do PIBID em relação a formação do coletivo, foram os interesses pessoais. Sabendo que o projeto oferece uma bolsa remunerada para que permaneçam as pessoas no projeto, o que eu vejo é que muitos não estão de real interesse, e sim pela bolsa, o que acaba dificultando a interação do coletivo, uma vez que a pessoa não se desvincula dando oportunidade para outra pessoa que esteja realmente engajada. Uma boa formação do coletivo se dará no dia que o projeto tiver pessoas com real empenho na formação de ideias para transformação da educação e do ser humano. (Willys, 8º semestre de Ciências Naturais, no PIBID interdisciplinar desde 2/2014)

Concluimos, então, que projetos interdisciplinares precisam ser construídos com muito trabalho. Desde sua formação, o futuro docente deve desconstruir a ideia de que o professor sabe tudo. Como diz José Pacheco, é necessário ter mais perguntas do que certezas. Esse caminho é árduo, é novo. Teremos muitos acertos e muitos erros dos quais nos ficam os ensinamentos. Que o PIBID interdisciplinar seja um processo para esses futuros professores encontrarem dentro de si a motivação para não desistir dos seus alunos e torná-los mais sábios e mais felizes. E desenvolverem sua própria qualidade de vida como profissionais.

“Opto pela busca. Porque acredito que a formação acontece quando um professor se decifra por meio de um diálogo entre o eu que age e o eu que se interroga, quando o professor participa de um efetivo projeto, identifica as suas fragilidades e compreende que é obra imperfeita de imperfeitos professores” (PACHECO, 2011, p.11)

5. Artes Cênicas e Interdisciplinaridade: Uma Proposta Pedagógica

Em nosso mundo de furiosa individualização, os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, esses dois avatares coabitam – embora em diferentes níveis de consciência. (BAUMAN, 2009, p.8)

Existe uma expressão radical da sociedade de consumo, onde as pessoas buscam sua identidade não naquilo que são, mas no que consomem e exibem. Como se dissessem: eu sou o que eu compro. Esse fenômeno caracteriza a sociedade de consumo e sua fluidez, o que o sociólogo polonês Zygmunt Bauman chama de modernidade líquida, onde não se valoriza o permanente e sim o temporário, na medida em que nada é sólido e conserva sua forma durante muito tempo. Num momento onde as relações são superficiais e nada é construído para durar, a sociedade alimenta cada dia a máquina capitalista que absorve futuros brilhantes para serem nada além que engrenagens desse sistema. É nesse contexto que encontramos homens e mulheres em todo mundo, buscando caminhos para autorizar uma escolarização que saia da padronização industrial e bancária (FREIRE), como vimos na Escola da Ponte, na Escola Classe 115 Norte, e na prática das licenciaturas do PIBID interdisciplinar.

Como diz Ostrower, “[...] todo ser humano que nasce, nasce com um potencial de sensibilidade”. E defini a sensibilidade como a porta de entrada para sensações, uma ligação direta ao que ocorre ao nosso redor. Receber, reconhecer estímulos e reagir: são as “trocas de energia”. Boa parte dessa sensibilidade encontra-se vinculada ao inconsciente responsável pelo auto regulagem das reações involuntárias. Existe uma parte da sensibilidade que alcança o nosso consciente. Chega de “modo articulado, isto é, chega de forma organizada. É a nossa percepção [...] a percepção é a elaboração mental das sensações”. É a percepção que:

Delimita o que somos capazes de sentir e compreender porquanto corresponde a uma ordenação seletiva dos estímulos e cria uma barreira entre o que percebemos e o que não percebemos. Articula o mundo que nos atinge, o mundo que chegamos a conhecer e dentro do qual nós nos conhecemos. Articula o nosso ser dentro do não-ser (OSTROWER, 1977, p.13)

O nosso modelo educacional tem nos privado a séculos da apropriação do saber sensível. Como aborda Duarte Junior, o saber sensível é mais perceptível nas sociedades tradicionais, para evitar o termo sociedade primitiva. O mundo moderno cresceu na premissa que a razão e a ciência nos trariam todas as respostas necessárias. O mundo foi sendo construído nas bases do conhecimento inteligível, a ideia que a razão nos libertará fez com que o saber sensível fosse deixado de lado da educação formal.

[...]aqueles que estão acostumados a julgar pelo sentimento não entendem nada das coisas do raciocínio porque querem desvendar imediatamente a questão com uma olhada e não estão acostumados a procurar os princípios. E os outros, pelo contrário, que estão acostumados a raciocinar por princípios, não entendem nada das coisas do sentimento, porque procuram princípios e não podem atingi-los apenas com uma olhada (Pascal apud Duarte, p.15)

O saber sensível e o conhecimento inteligível são as duas premissas para um processo de aprendizagem que seja relevante para a construção do ser humano. Mas, a supervalorização da especialização superestimou o conhecimento intelectual e preteriu a sensibilidade e as percepções “Aqui se insistirá, pois, na necessidade atual e algo urgente de se dar maior atenção a uma educação da sensível, a uma educação do sentimento[...]” (DUARTE, 2004, p.15)

Num processo de escolarização, no qual o conhecimento é fragmentado e os professores fecham as portas das suas salas de aula sem que façam trocas com outras áreas de conhecimento, perde-se completamente o processo de aprendizagem através da criatividade e do afeto, o conhecimento é apenas uma informação que será usada numa prova e logo esquecida. Não existe uma apropriação do saber: “O homem cria, não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa; ele só pode crescer, enquanto ser humano, coerentemente, ordenado, dando forma, criando”, (OSTROWER, 1977, p.13) a criatividade não é algo exclusivo dos artistas, é uma capacidade inerente ao ser humano, os processos de aprendizagem na perspectiva da criatividade e do afeto tornam-se uma abertura permanente para a entrada de sensações, impressões e interações.

“Isso pode significar intenso trabalho, tanto do ponto de vista cognitivo, quanto no do sensível. Em outras palavras, podemos dizer que o ato criador envolve aspectos teóricos e práticos, ou seja, ativamos pensamento, corpo, espaço, movimento e ação. Afetamo-nos e somos afetados pelos outros, pelo contexto e por nós mesmo.” (MEIRA E PILOTTO, 2010, p.28)

Em pleno século XXI, onde as relações afetivas são líquidas, portanto, sem forma, e a sociedade de consumo alimenta-se ainda mais do ter, ser subversivo é pedir que cada um encontre o ser em si, segure na mão de outro ser e busque, através do afeto e da sensibilidade, caminhos para um trabalho coletivo, criativo e vivo. Vivo na intenção de que a informação se torna conhecimento, pois tem relevância.

Constitui, certamente, uma maneira de se desumanizar o trabalho. Reduz o fazer a uma rotina mecânica, sem convicção ou visão ulterior de humanidade. Reduz a própria inteligência humana a um vasto arsenal de informações ‘pertinentes’, não relacionáveis entre si e desvinculadas dos problemas prementes da humanidade. Nessas circunstâncias, como poderia o trabalho ser criativo pois não só se exclui do fazer o sensível, a participação interior, a possibilidade de escolha, de crescimento e de transformação, como também se exclui a conscientização espiritual que se dá no

trabalho através da atuação significativa, e sobretudo significativa, em termos humanos. (OSTROWER, 1977, p. 39)

Existem algumas áreas de conhecimento como a sociologia, antropologia, psicologia, as artes cênicas, entre outras, que possuem um conjunto de saberes que precisam ser desenvolvidos de forma coletiva. É necessário o trabalho de várias pessoas para se desenvolver um processo de aprendizagem e criativo. Quanto as Artes Cênicas, durante esse trabalho, foram tratadas de forma bem diluída. Tem uma qualidade interessante: para que se aconteça o teatro é necessário uma pessoa com o seu corpo de forma modificada em uma ação, em encontro com um olhar observador do espectador. Esse olhar sustenta o jogo. “O teatro que a gente faz tem a necessidade de jogadores, estamos assim chamando os companheiros de jogo que são os espectadores.” (Guenóun aput Desgranges, 2010, p.27).

Portanto, trazer os saberes das áreas de conhecimento, cuja prática coletiva é intrínseca e essencial, faz com que o projeto seja caracterizado de forma coletiva desde a sua construção até o seu desenvolvimento e objetivos concluídos. Assim, estamos em um processo de construção com o PIBID interdisciplinar e a escola, de um projeto chamado Planeta das Crianças, a respeito do qual falarei a seguir.

5.1 Projeto: O Planeta das Crianças – Uma proposta de Projeto Interdisciplinar.

5.2

O grupo de alunos do PIBID interdisciplinar: Alerandra – 3º semestre de Artes Plásticas, Bruno – 6º semestre em Artes Cênicas, Iully – 8º semestre em Educação Física, Kamilla – 6º semestre em Filosofia, e Solange (quem escreve este texto) – 10º semestre em Artes Cênicas, e a supervisora do projeto a pedagoga Luciana (professora da turma do 3º ano turma B no turno vespertino), juntos, ajustamos a Dinâmica da Ilha, desenvolvida pelo professor Glauco Falcão, para aplicá-la como uma intervenção interdisciplinar para os alunos. Transformaremos a Ilha num novo Planeta: O Planeta das Crianças.

O projeto, “Planeta das Crianças”, consiste na criação de um novo planeta, onde os alunos irão repensar as leis, a organização e a estrutura do estado. Nesse projeto, as crianças embarcarão numa reflexão filosófica e social acerca das relações interpessoais numa esfera micro. Tudo será criado e elaborado por eles. Nosso enfoque é a formação e relação de ser humano e a busca por qualidade de vida com enfoque na alfabetização, uma demanda emergente da escola.

Alguns temas que trataremos na dinâmica:

- Necessidades básicas, prioridades, convívio no social, união;
- Poluição, desmatamentos, importância da manutenção e preservação da natureza;
- Alimentação, divisão de tarefas e conservação da natureza;
- Moradia, relações sociais e conceito de coletividade;
- Vocação, organização do trabalho e a importância de cada membro na sociedade;
- Relações de poder, força, democracia, consenso.

Nosso público alvo são crianças do 2º ao 5º ano com defasagem na aprendizagem, e em processo de alfabetização. Estima-se aproximadamente 25 alunos, as atividades serão desenvolvidas uma vez por semana nos períodos matutino e vespertino. O tempo de cada aula será de aproximadamente 2h.

Nosso objetivo é desenvolver uma consciência de coletivo a partir da dinâmica “O planeta das crianças”, com uso de atividades em grupo com aspectos educacionais, sociais e ambientais e minimizar as dificuldades de alfabetização de forma interdisciplinar, considerando a singularidade do indivíduo dentro do coletivo.

Segundo Freire, em A Importância do Ato de Ler, a alfabetização precisa ser aplicada de forma prática ao cotidiano da criança. Todo indivíduo possui uma visão de mundo, toda criança, quando chega à escola, já está cercado de significados, símbolos e significantes “na medida, porém, em que fui me tornando íntimo do meu mundo, em que melhor o percebia e o entendia na “leitura” que dele ia fazendo, os meus temores iam diminuindo” (FREIRE, p.11). Contribuindo para o tema, Magda Soares diferencia a alfabetização como sendo a apropriação do alfabeto e a escrita, já o letramento é a condição de alguém que domina a leitura e a escrita. Ou seja, a pessoa alfabetizada é aquele que codifica e decodifica a língua escrita, enquanto a pessoa letrada é aquela que se apropriou não apenas dos signos da linguagem, mas que usa socialmente a leitura e a escrita. (SOARES, 1999)

O QUE É LETRAMENTO?

Letramento não é um gancho em que se pendura cada som enunciado, não é treinamento repetitivo de uma habilidade, nem um martelo quebrando blocos de gramática.

Letramento é diversão é leitura à luz de vela ou lá fora, à luz do sol.

São notícias sobre o presidente

O tempo, os artistas da TV

e mesmo Mônica e Cebolinha nos jornais de domingo.

É uma receita de biscoito,

uma lista de compras, recados colados na geladeira,

um bilhete de amor,

telegramas de parabéns e cartas de velhos amigos.

É viajar para países desconhecidos, sem deixar sua cama,

é rir e chorar com personagens, heróis e grandes amigos.

É um atlas do mundo,

sinais de trânsito, caças ao tesouro,

manuals, instruções, guias, e orientações em bulas de remédios,

para que você não fique perdido.

Letramento é, sobretudo,

um mapa do coração do homem,

um mapa de quem você é,

e de tudo que você pode ser. (SOARES, 1999)

Foi partindo desses conceitos que ao identificarmos as necessidades da Escola Classe 115 Norte, onde alguns alunos das séries iniciais ainda não conseguiam se apropriar da leitura e da escrita, nós, os alunos do PIBID interdisciplinar, resolvemos a partir das coordenações com o professor Glauco Falcão, adaptar a dinâmica da ilha usada na preparação e aprimoramento de iniciação a prática docente nas aulas de Programas Preventivos para, além de estabelecer vínculos com os alunos, princípios e valores da afetividade, sensibilidade e trabalho coletivo, desenvolver também a prática de alfabetização e letramento com os alunos que demonstrem as dificuldades de aprendizagem nessa questão.

Como eixo pedagógico, utilizaremos o faz-de-conta para desenvolvermos um contexto e teremos como história fixa criada pelos alunos do PIBID interdisciplinar:

“Era uma vez um planeta muito lindo, cheio de recursos naturais. Nada faltava para os seus moradores. Tinha floresta, água e comida para todos. Até que um dia, as pessoas que ali habitavam não souberam cuidar do maravilhoso planeta. A floresta foi sumindo e a água acabando: O planeta estava morrendo! Pesquisadores encontram um novo planeta com as mesmas estruturas que o planeta atual, então um

grupo de crianças foram escolhidas para a habitação e desenvolvimento do novo planeta.”⁸

A partir dessa história, situações serão criadas através de jogos dramáticos para a familiarização com esse novo planeta e conscientização das necessidades básicas e da formação do coletivo nesse novo lugar. A raiz do jogo dramático é a brincadeira de representar o “jogo”, é preciso construir confiança e amizade para criar uma atmosfera propícia, “esta é a importância da palavra grega *drao* – ‘*eu faço, eu luto*’, a criança descobre a vida e a si mesma através de tentativas emocionais e físicas e depois através da prática repetitiva, que é o jogo dramático” (SLADE, 1958, p.18), no jogo dramático, todos são fazedores. A ação está em toda parte tanto dos atores como dos espectadores, “é uma experiência viril e excitante, na qual a tarefa do professor é de aliado amoroso”. Nosso papel, como mediadores da atividade, é o de sermos parceiros na aventura de conhecer esse mundo novo. Segundo Slade, no drama notam-se duas qualidades *absorção e sinceridade* – absorção no sentido de estar totalmente envolvido e imerso na ‘trama’ e sinceridade “uma forma completa de honestidade no representar um papel, trazendo consigo um sentimento intenso de realidade e experiência, e só atingido totalmente no processo de atuar, representar, com absorção”. (SLADE, 1958, p.18). No documentário Território do Brincar existe uma conversa sobre encontrar o quintal da escola, esse espaço onde a criança pode ser o que ela quiser. E é esse quintal que queremos encontrar para que a criança desenvolva as habilidades e consciência de quem ela é como trabalhar de forma coletiva e fazer à escrita e a leitura sobre isso.

Para imersão dos alunos nessa atmosfera, utilizaremos filmes, sons, imagens, auxílio de brinquedos pedagógicos como o alfabeto móvel, e desenhos. Tudo será registrado num diário de bordo, que posteriormente servirá para a avaliação do projeto pelos alunos do PIBID e também de autoavaliação pelos alunos da escola.

O projeto está em andamento, ainda estamos num processo de construção coletiva que envolve os grupos dentro do PIBID interdisciplinar, o professor coordenador, Glauco Falcão, e a professora supervisora, Luciana.

⁸ Texto produzido pelos alunos do PIBID interdisciplinar atuante na Escola Classe da 115 Norte.

6. Considerações Finais

Eu lembro a primeira vez que entrei na escola em que atuaria no PIBID, uma escola da periferia de Brasília com alunos do ensino fundamental II, me sentia perdida, insegura, sem saber se era isso que queria de fato: ser professora! Observei algumas aulas, de várias disciplinas e alguns professores que se encontravam desgostosos, carrancudos, que tentavam oferecer um conteúdo que reverberava pela sala sem encontrar ouvidos realmente atentos e interessados por aquele assunto, inclusive o meu. Ao final da aula, um daquele professor me dirigiu a palavra: “o bom desse PIBID aí é que vocês já desistem logo”. A observação continuou, e só aumentou a vontade de ver aquilo tudo funcionando. Que campo de atuação magnífico: A Escola! Passei vários dias refletindo sobre o que aquele professor disse, e ele estava certo, eu realmente viria a desistir! E desisti! A desistência é de um padrão de escolarização formatada nos moldes do século passado, do qual eu sou fruto.

Entrar em contato com histórias de processos de aprendizagem alternativos (práticas alternativas por seguirem vias diferentes da escolarização tradicional), foi como um transcender espiritual. Não é preciso seguir algo e até repetir formatos se eles se tornaram ultrapassados para o século XXI. Encontrar o PIBID interdisciplinar e o inconformado professor Glauco Falcão, foi um dos encontros mais relevantes que tive durante a minha graduação em Licenciatura em Artes Cênicas. O processo de construção coletiva, conversas e contatos com professores e colegas de outras áreas de conhecimento, desconstruiu a formatação em que eu havia produzido raízes durante todo processo de escolarização. Processo doloroso e cheio de erros, mas o processo, ah o processo! No PIBID Interdisciplinar, o processo foi revelador e transformador, cheio de caos, cheio de conflitos, e regados de muita conversa e alegria. Relações construídas com muito afeto e sensibilidade os quais tenho certeza que levarei para a vida toda.

Inspirada pela Escola da Ponte e o discurso do professor José Pacheco foi um fio condutor para esse caminho pedagógico da prática docente. Observar o seu trabalhar coletivo é se deparar com o grande desafio: descobriremos e entrarmos todos no mesmo ritmo. Aqueles que são mais acelerados precisam desacelerar e aqueles que são mais lentos precisam pisar um pouco no acelerador. No PIBID INTERDISCIPLINAR da UNB, a empatia tornou-se nossa companheira, pois, a nossa construção coletiva também acontecia de forma autônoma e coletiva. Posso concluir, através dessa monografia que as atividades desenvolvidas no PIBID Interdisciplinar convergem para uma prática docente subversiva à pedagogia da nuca, prepara

futuros docentes autônomos para uma carreira pedagógica transformadora e principalmente com qualidade de vida.

Ainda sobre a Escola da Ponte, que todo processo é intrigante e profundo. O primeiro paradigma a ser entendido e absorvido é que todos fazem parte do problema. Percebemos na Escola da Ponte o trabalho que é mudar uma maneira de pensar. Para que haja um trabalho coletivo o corpo docente precisa assumir essa posição real de corpo, onde cada um na sua individualidade desenvolva o seu papel para o fortalecimento do coletivo. Abrindo mão do falso poder em ser o portador único do conhecimento naquela área de atuação. Essas estruturas rígidas, quando entram em colapso, geram certa crise. E essa crise é fundamental para que haja uma transformação sólida e duradoura na prática docente. Essa escola portuguesa encontrou um caminho para o trabalho coletivo e tem influenciado centenas de escolas no Brasil e no mundo para caminhar por valores e em unidade.

Já na Escola Classe da 115 Norte, percebo que, mesmo com boa vontade e trabalho duro das diretoras e de alguns professores, o que falta para a consolidação da mudança é a transformação e quebra de paradigmas de alguns professores. Apesar da dificuldade quanto a esses professores existe uma equipe comprometida com os valores da autonomia, solidariedade, responsabilidade e democraticidade. E percebe-se, através da atitude positiva de alguns professores, que o trabalho pode ser conquistado em grande escala, para isso é preciso começar de forma pequena e micro. Esse é o trabalho dos invisíveis.

Referências bibliográficas

- ALVES, Rubem. A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir. Campinas, SP: Papirus, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. O Mal-Estar da Pós-Modernidade. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1998.
- CALDERON DE LA BARCA, Pedro. A Vida é Sonho; Oalcaide de zalamea. Lisboa: Editorial Ver, 1971.
- DELORS, AL-MUFTI, AMAGI, et AL. Educação um Tesouro a Descobrir: Relatório para UNESCO da comissão internacional sobre a Educação para o Século XXI. [online] Disponível na internet: http://www.informacaoepesquisa.fci.unb.br/images/materiais/oti/JDelors_RelUNESCO.pdf.
- DUARTE JÚNIOR, João. O Sentido dos Sentidos: A Educação (do) Sensível. [online] Disponível na Internet: http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/38697533/DuarteJuniorJoaoFrancisco_D.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJ56TQJRTWSMTNPEA&Expires=1467399214&Signature=hZWjIbwbWCLletkwk%2FfzOoaSu5g%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DDuarte_Junior_Joao_Francisco_D.pdf
- FAZENDA, Ivani C. Arantes. Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa. Campinas, SP: Papirus, 1994. (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico);
- FREIRE, Paulo. A Importância no Ato de Ler. São Paulo: Cortez, 1989;
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011;
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2011;
- GARDNER, Howard. Estruturas da Mente- A Teoria das Inteligências Múltiplas. Tradução Sandra Costa – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994;
- GUÉNOUN, Denis. O Teatro é Necessário. São Paulo: Perspectiva, 2004;
- JAPIASSU, Ricardo. Metodologia do Ensino do Teatro. Campinas, SP: Papirus, 2001;
- NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. Pedagogia dos Projetos – Uma Jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências. São Paulo, Érica LTDA, 2012;
- OSTROWER, Fayga. Criatividade e Processos de Criação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997;

PACHECO, José. Escola da Ponte: Formação e Transformação da Educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011;

PACHECO, José. Dicionário de Valores. São Paulo: SM, 2012;

PACHECO José e Maria de Fátima. Escola da Ponte: uma escola pública em debate. São Paulo: Cortez, 2015;

SLADE, Peter. O Jogo Dramático Infantil. São Paulo, SP: Summus, 1958;

VASCONCELLOS, Celso. Reflexões sobre a Escola da Ponte. [online] Disponível na Internet: http://www.celsovasconcellos.com.br/index_arquivos/Page1028.htm.

Entrevista com José Pacheco dada a Felipe Casuro, Folha de São Paulo, 7 de março de 2011. Link: <http://depoisdaaula.blogspot.com.br/2011/03/o-lado-escuro-da-escola-da-ponte.html>